

MINHA HISTÓRIA DE *Amor*



*Uma história escrita
pela vida,
guardada pela saudade.*

Natal Rosa

EDITORIA CHEFE

Prof^o Me. Isabele de Souza Carvalho

EDITOR EXECUTIVO

Nathan Albano Valente

AUTOR DO LIVRO

Natal Rosa

2026 by Seven Editora

Copyright © Seven Editora

Copyright do Texto © 2026 Os Autores

Copyright da Edição © 2026 Seven Editora

PRODUÇÃO EDITORIAL

Seven Publicações Ltda

EDIÇÃO DE ARTE

Evellyn Thais de Souza

EDIÇÃO DE TEXTO

Stephanie Caroline Meyer de Quadros

BIBLIOTECÁRIA

Bruna Heller

IMAGENS DE CAPA

Evellyn Thais de Souza

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Seven Publicações Ltda. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Seven Publicações Ltda é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação.

Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



O conteúdo deste Livro foi enviado pelos autores para publicação de acesso aberto, sob os termos e condições da Licença de Atribuição Creative Commons 4.0 Internacional

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

R788m

Rosa, Natal.

Minha história de amor [recurso eletrônico] / Natal

Rosa. – São José dos Pinhais, PR: Editora Seven, 2026.

Dados eletrônicos (1 PDF).

ISBN 978-65-6109-405-4

1. Literatura brasileira. 2. Romance. 3. Ficção contemporânea. I. Título.

CDU 869.0(81)-31

Bruna Heller - Bibliotecária - CRB10/2348

Índices para catálogo sistemático:

1 Literatura em português 869.0

2 Brasil (81)

3 Gênero literário: romance -31

DOI: 10.56238/livrosindi202682-001

Seven Publications Company

CNPJ: 43.789.355/0001-14

editora@sevenevents.com.br

São José dos Pinhais/PR

Este livro eu dedico a toda a minha família, a família de minha Nana,
a meus filhos, e especialmente a ela que foi tudo em minha vida –
Benedita Pereira Rosa – Minha saudosa - Nana.

APRESENTAÇÃO

Mais do que uma autobiografia, Minha História de Amor é um testemunho emocionante sobre a força dos sentimentos verdadeiros, da perseverança e da esperança. Com sensibilidade e autenticidade, Natal Rosa conduz o leitor por lembranças que atravessam diferentes fases de sua vida, desde a juventude humilde, os desafios enfrentados para conquistar seus sonhos, até o encontro com o grande amor de sua vida, Benedita.

Em meio às dificuldades financeiras, mudanças, perdas, conquistas e recomeços, o autor revela como o amor, a fé e a união familiar foram os pilares que sustentaram sua caminhada. Repleta de memórias, canções, poesias e relatos marcantes, esta obra convida o leitor a refletir sobre os valores que realmente dão sentido à existência, mostrando que o verdadeiro amor não se mede pelas circunstâncias, mas pela capacidade de permanecer firme diante delas.

Uma história real, inspiradora e profundamente humana, capaz de emocionar leitores de todas as gerações.

Minha história de amor

Esta é mais uma história de amor que mostra o quanto é importante amar.

E pra começar esta história, quero que saibas caro leitor que esta história é verdadeira vivida por mim e por isso estou escrevendo para testemunhar que o amor existe, basta saber amar.

Tudo começou no ano de 1965 eu ainda era muito jovem, apesar de ser de família muito pobre... sonhava em um dia poder ter posses ser respeitado... quem sabe até ser chamado de Doutor, é mas tudo era sonho, naquele tempo um rapaz pobre tinha muita pouca chance de estudar, os meus pais precisavam de minha ajuda, sim eu precisava trabalhar, com isso não me sobrava tempo pra estudar e nem dinheiro para pagar os meus estudos, por esta razão muito pouco estudei.

Nesta época eu trabalhava em uma cerâmica, corria o dia inteiro empurrando um carrinho cheio de tijolos, que saiam da Maromba; Maromba é uma espécie de moinho que misturava o barro e através de um dispositivo transformava a argila misturada em tijolos ou telhas. Os dias se passavam, nas Rádios só se ouvia belas canções... Jovem guarda, o Rei Roberto Carlos estava no auge, a tropicalia comandava a bossa nova... há que saudades daquela época a alegria era uma constante na vida das pessoas apesar das desigualdades a humanidade tinha mais amor, se valorizava mais a vida... bem mas esta história não é uma história de época e sim uma história de amor então vamos a ela.

Por volta do ano de 1961, uma família recém chegada do norte... pra ser mais preciso de União dos Palmares em alagoas, tinham sofrido uma grande perda com o falecimento do seu Patriarca, todas as cartas que chegavam para aquela família falava de tristeza, mas foi através de uma dessas cartas vinda do norte que começou esta história de amor.

Já havia se passado quatro anos do dia que o carteiro tinha entregado a carta por engano em minha casa, eu já estava até esquecido daquele episódio, mas na cerâmica que eu trabalhava, conheci o Zequinha, ele recém chegado de alagoas, por coincidência era da mesma família que há quatro anos tínhamos conhecido através do engano do carteiro.

Zequinha era muito simples e foi por esta razão que nos tornamos grandes amigos.

Um dia na hora do almoço depois de trocar-mos as misturas... sim trocar-mos a mistura

Porque eu na maioria das vezes trazia de casa só mandioca frita, batata doce, abóbora.

Não sei se de fato Zequinha gostava das minhas misturas ou se ele tinha dó ao ver que minha marmita era tão pobre; Mas nesse dia após o almoço algo aconteceu que mudou a minha vida, meu amigo se sentou no chão e escreveu o nome do meu pai, então perguntei a ele como ele sabia o nome do meu pai e ele me respondeu:

— Não amigo este é o nome do meu tio, eu contestei esse é o nome do meu pai... Mas nesse momento lembrei-me do ocorrido há quatro anos atrás, e disse:

— Zequinha vou te contar um fato que aconteceu e você vai entender o porquê que eu disse que o nome do meu pai é igual ao nome do seu tio.

Depois de contar a ele o fato ocorrido eu lhe disse:

— Amigo eu quero conhecer seu tio e toda sua família, e assim marcamos um dia para que eu fosse a sua casa fazer uma visita.

Passou-se os dias e a cada dia nossa amizade aumentava, uma tarde Zéquinha me disse:

— Vai hoje a minha casa que meu tio José chegou do trabalho e vai estar lá.

Naquele dia eu me enchi de coragem e quando escureceu, eu cheguei a sua casa... bati palmas e quem me atendeu foi uma linda morena cabelos compridos tinha um corpo maravilhoso. Confesso que fiquei encantado com tanta beleza, ela me cumprimentou e disse:

— Entre, o meu sobrinho já havia me falado de você, você é o Natal. Muito prazer, sou Dalva, tia do Zequinha.

— Dalva... — respondi admirado, mas sem que ela percebesse.

Dei uma disfarçada e mudei de assunto. Ao chegarmos na cozinha encontrei dona Fia, cujo nome real era Andreлина mas todos a chamavam de dona Fia. Ela estava cuidando do jantar junto com Dalva. José estava sentado junto a mesa lendo a bíblia enquanto aguardava pelo jantar. Cumprimentei Dona Fia, José e começamos a conversar, mas logo o meu amigo Zequinha estava pronto, então disse até logo e saímos para o cinema.

Naquela noite eu e o Zequinha nos divertimos bastante, fomos ao cinema depois fomos a um baile e na madrugada voltamos para nossas casas; No outro dia ao me acordar a primeira imagem que me veio a mente foi a imagem de Dalva, aí me questionei:

— Não. Não. Eu não posso pensar nela. Ela é esposa do tio do meu melhor amigo. — E disse a mim mesmo: — Natal, Natal toma tua linha.

Naquele mesmo dia a tardezinha saí para dar uma volta. Encontrar com minha namorada. A minha namorada se chamava Noelia e por coincidência morava na mesma rua que Dalva, passei em frente ao portão olhei, olhei, mas não vi nem o meu amigo e nem quem realmente eu queria ver que era a mulher que até então eu julgava ser comprometida, ou melhor dizendo, casada.

Prossegui o meu caminho rumo à casa de minha namorada, mas o destino às vezes nos prega algumas peças que se torna difícil explicar. Quando cheguei a certa distância do portão da casa de minha namorada vi Dalva e Noelia conversando animadamente. Eu fiquei imaginando: “o que será que elas estão conversando?”, “será que estão falando a meu respeito?”

Afinal de contas eu estive em sua casa ontem. Envolvido em meus pensamentos nem percebi que já havia chegado. Noélia ao me ver ficou toda cheia de graça e com um sorriso disse para Dalva:

— Este aqui é meu namorado Natal.

Dalva me cumprimentou e depois disse para Noelia:

— Eu já o conheço, ele esteve em minha casa ontem.

Noélia com espanto disse :

— Foi fazer o que lá?

Percebi que ela havia ficado com ciúmes, mas porque, não tinha motivos, Dalva era casada. Pois até naquele momento eu não sabia... bem deixe esse assunto pra mais tarde ou seja para algumas linhas abaixo.

Dalva discretamente falou:

— Bem, eu já vou indo porque não quero atrapalhar os pombinhos!

Em seguida se despediu e foi para sua casa. Quando ela saiu eu disse para Noelia:

— Que senhora bacana...

— Senhora? — Disse Noelia.

— É, dona Dalva, tia do Zequinha.

Noelia caiu na gargalhada, fiquei surpreso com sua atitude e perguntei por que a gargalhada, foi aí que Noelia me revelou todo o mistério que rondava a minha mente. Dalva não era Dalva e sim Benedita, também não era senhora e sim senhorita. Com aquela revelação, Noélia nem imaginava que poderia estar perdendo-me para Benedita, mas isso só aconteceu um pouco mais tarde, eu e Noélia continuamos a namorar, Benedita e eu nos tornamos grandes amigos.

Até que um dia... Benedita machucou um dos dedos da mão direita e quando cheguei com a Noelia em sua casa e fui cumprimentá-la, Benedita gritou:

— Ai, não precisa apertar tanto estou com a mão machucada!

Noelia já se mordeu de ciúmes e exclamou.

— Já começou!

E eu lhe disse:

— Começou? Começou o quê?

E ela disse:

— É, tudo começa com aperto de mão...

Mas Benedita nem ligou para Noelia e disse:

— Ele não apertou, é que estou com o dedo machucado.

E mostrou a ela o dedo enfaixado, neste instante sorrimos e continuamos com o nosso papo no portão,mas durante o papo... rolou piscadelas, sinais, olhares maliciosos enfim começamos ali um flerte. Noelia nada percebeu, mas já estava enciumada. Logo me chamou para irmos para o seu portão. Dalva insistiu para que ficássemos mais, convidou-nos para entrar, mas Noelia me puxou pelo braço e mesmo sem querer fui embora com ela.

Noélia pertencia a mesma igreja que meus pais e eu, pertencíamos a Assembléia de Deus, a mãe e o pai da Noelia gostavam muito de mim e torciam para que o nosso namoro desse casamento... mas no meu pensamento agora já existia outra e pouco tempo durou o meu namoro com Noelia, logo terminamos, mas continuamos amigos .

Não demorou muito tempo e lá estava eu de namorada nova, esta se chamava Marluce era um pouco mais gordinha que Noelia, mas muito bonita. Tinha os cabelos compridos um sorriso muito lindo e muito trabalhadeira cuidava de quatro irmãos mais novos que ela, esse meu

namoro também durou muito pouco, a razão do termino deste namoro que durou tão pouco, foi até engraçado, no segundo sábado após o inicio do nosso namoro eu a convidei para ir ao cinema, combinamos o horário, na hora marcada lá estava ela linda, toda sorridente... porem com um perfume de cebola que chegava a deixar tonto quem estava por perto.

Foi então que descobri a sua de higiene bucal, pra mim bastou, não fui ao cinema e tudo acabou, depois desse episodio confesso que fiquei com pena dela, segundo papo de amigas e amigos ela passou a se cuidar melhor e dizia que tinha certeza que ia me reconquistar... mas tudo não passou de um sonho dela, o meu destino estava ligado a outra pessoa.

Que saudades desta época, calça boca de sino, cabelos longos, muito agito, anel brucutu no dedo era mesmo uma brasa mora; Nas tardes de domingos jovem guarda, Roberto, Erasmo, Wanderlei Cardoso, Vanderleia, Martinha, Goldem Bois, enfim essa foi uma época de ouro, inesquecível para quem pode participar dela... Ah... quanta saudade.

Tudo era divino e maravilhoso, como dizia o Grande Belchior, juventude bailes... namoradas, e falando em namoradas, deixa-me continuar com a minha historia.

Como eu já havia dito anteriormente eu e Dalva erámos grandes amigos... mas um certo dia chegou um circo na pequena praça do bairro em que nós morávamos, foi o maior rebuliço, em meio a agitação da jovem guarda, o circo anunciava o grande espetáculo:

— Não percam hoje à noite no circo do Bexiga o Rei do cangaço, Zé do Baião.

Para mim, que era paulista, Zé do Baião era mais um cantor de Baião, mas para a família de Dalva significava muito e por esta razão Zequinha me convidou para ir com eles ao circo e eu mas do que depressa aceitei. Quando a noite caiu estavámos todos na fila da bilheteria e foi ai que tive uma grande surpresa... Dalva me apresentou o seu namorado, para mim foi a pior coisa que podia ter me acontecido naquela noite, fiquei triste, o espetáculo para mim perdeu a graça, não via a hora que terminasse para sair dali ir pra minha casa, e foi o que eu fiz, sai sem falar com ninguém e fui curtir a minha dor de cotovelo.

No outro dia, quando acordei decidi que logo após o almoço eu iria até a praça e se encontrasse com Benedita eu ia declarar a ela o meu amor, mas naquele dia parecia que as horas não passavam, fiquei andando pra cá e pra lá, cheguei a chamar a atenção de minha mãe, que a me ver tão ansioso me disse:

— Natalino. Natalino! O que está acontecendo?

— Nada mamãe...

— Coração de mãe não se engana, tome cuidado menino...

Minha mãe jamais poderia imaginar que ela estava prestes a ganhar uma nora... Minha mãe terminou o almoço, almocei e logo em seguida desci para a praça, mas a tarde passou e nada de Benedita aparecer. Por volta das dezoito horas, o meu amigo Zequinha apareceu, e ao me ver tão apreensivo perguntou:

— Amigo o que esta acontecendo?

— É amor!

— Posso saber por quem?

— Aguarde e verás!

Enquanto conversávamos, eis que surge em um lado da praça a minha ex-namorada Noelia, Maria José e a mais esperada por mim, Benedita. Elas se aproximaram e ficamos ali os cinco conversando, em um dado momento Noelia e Maria José resolveram sair do grupinho e ir até o bar de Dona Natalina comprar chicletes. Zequinha, que por sua vez estava de olho em Maria José, disse:

— Eu posso ir com vocês.

Elas concordaram e lá se foram os três, até que enfim eu e a minha amiga ficamos a sós, como eu vi que o tempo ia ser pouco resolvi me declarar sem demora, ela me ouviu e depois me disse:

— Vou pensar... mas antes eu preciso te dizer uma coisa. Eu ainda tenho namorado, preciso terminar com ele pra depois pensar em outro... você me entende?

— Sim, entendo. Mas termina logo. Eu te amo demais, mina...

Mina era a gíria da época. Bem, o primeiro passo estava dado, agora eu teria que esperar, os três que haviam saído para comprar chicletes estavam de volta, por esta razão mudamos o assunto. Fim de domingo, eu tinha que trabalhar no dia seguinte, por esta razão me despedi e fui para casa.

Durante a semana trabalhei esperançoso e ao mesmo tempo ansioso, pensava: “será que ela vai terminar?” “será que vai quere namorar comigo?”. Essa duvida me deixava nervoso, sem sono... A semana foi se passando ,mas parece que aquela semana foi muito mais longa que as outras, até que chegou a sexta feira. Zequinha em um momento do dia chegou em mim e disse:

— E aí, meu camarada, o que vamos combinar para este fim de semana?

— Não sei, depende de alguém que ficou de me dar uma resposta.

Ele sorriu e disse:

— A Bil...

— Quem?

— Minha tia Bil?

Eu fiquei surpreso com a sua pergunta e também com o apelido de sua tia, então eu lhe perguntei:

— Ela te disse alguma coisa?

— Falou sim, eu estou sabendo de tudo — e complementou — Vai firme, eu dou a maior força pra vocês.

O nosso papo foi interrompido por um colega de trabalho que se aproximou e disse:

— Colegas, o papo de vocês está chamando atenção, cuidado, o Senhor Wilhans está de olho,fiquem espertos. Ele pode vir chamar atenção de vocês.

Nós agradecemos e voltamos para o trabalho , Chegou a tão esperada hora da saída, tocou o sinal e cada um seguiu para sua casa, a minha casa era bem mais longe da firma, a casa dos tios do meu amigo era apenas uns quinhentos metros, mas até a pracinha eu e Zequinha íamos conversando, nesse dia combinamos nos encontrar logo mais a noite no bar de Dona Natalina,

que ficava ali mesmo na praçinha . A gente se encontrava ali pra tomar uns aperitivos, jogar conversa fora e cantar alguns sucessos do momento e até do passado. Eu me lembro bem que o meu amigo Zéquinha gostava muito de uma musica do Jair Rodrigues que dizia assim:

Tristeza por favor vá embora
A minha alma, chora
Estou vendo o meu fim
Fez do meu coração a sua moradia
Já é demais o meu penar
Quero voltar aquela vida de alegria
Quero de novo cantar...

Eu gostava era de cantar qualquer musica, eu cantava samba, roque, bolero, sertanejo, para mim o importante era cantar , e naquele dia eu estava inspirado a esperança de ter em meus braços em breve a encantadora Bil ,me deixava eufórico eu queria cantar, pular, gritar... E por falar nas Rádios estava tocando um grande sucesso de Aguinaldo Timóteo que tinha por titulo: Meu grito. Essa musica dizia tudo o que eu estava sentindo naquele momento, vamos recordar comigo:

Se eu demoro, mais aqui, eu vou morrer
Isso é bom..Mas eu não vivo sem você
Eu não penso mais em nada, a não ser só em voltar
Levo meu amor nas mãos, para te dar.
Já não durmo morro até só em pensar
E se canto só o seu nome quero gritar

Ai que vontade de gritar...

É isso mesmo eu naquele dia tinha vontade de cantar, gritar, para dizer ao mundo que estava amando de verdade, apesar de ainda não saber se também era amado, mas pouco estava me importando ,o importante é que eu estava feliz.

No outro dia, por ser sábado, dormi até mais tarde, depois me arrumei e fui para a praçinha, a minha esperança, era ver a Bil, nem que fosse de longe, mas foi em vão passei toda a manhã na praça e não vi nem a Bil, nem o Zequinha, deu a hora do almoço, voltei para minha casa, almocei descansei o almoço e logo voltei para a praça. Quando cheguei à praça já eram umas duas horas da tarde, de repente olhei em direção a rua onde morava Zequinha e lá vinha ele, cabeça baixa, balançando os braços, tinha um ar de preocupado, esperei que se aproximasse e perguntei:

— E aí, tudo bem?

— Tudo bem...

— Tudo bem nada — respondi — Você está com ar de preocupado... o que houve?

— Não foi nada de grave amigo, recebi carta dos meus pais e você sabe, a saudade machuca.

Para que ele não ficasse tão triste resolvi mudar de assunto e perguntei:

— Como vai seu namoro com a Maria Jose?

— Vai bem. Muitos beijos e abraços, ela é uma brasa mora, mora cara...

Talvez o amigo que esta lendo esse meu relato não viveu na mesma época que eu, e pode estar se perguntando o que é brasa mora, mora e muitos outros palavreados estranhos, que esse cara esta falando, essa era a gíria que se falava na época. Zéquinha estava eufórico com a sua nova vida... muitas minas, muitas amizades, e o mais importante, como ele dizia: sou tratado com muito carinho pelos meus tios.

Continuando a minha narração, vamos voltar ao papo que eu estava levando com Zéquinha.

— E você e a Bil já se acertou?

— Ainda não — respondi.

Zequinha deu um sorriso maroto e disse:

— Fique tranquilo vai dar certo.

Enquanto conversávamos não percebi que alguém se aproximava. Sim, era ela que vinha chegando para unir-se a nós. Neste instante mudamos de assunto e aguardamos que ela se aproximasse. Ela chegou toda cheia de graça e disse:

— E aí baby? Tudo bem?

Respondi todo satisfeito, afinal ela me chamou de baby. Isso queria dizer que nosso namoro já estava a um passo, digo a um beijo para começar e foi o que aconteceu ela me deu um beijo e disse:

— Bem... eu não te preciso dizer mais nada... ou preciso?

Meio sem jeito, respondi:

— É claro que não, gatinha.

Zequinha ao perceber o clima saiu tão de fininho que nós nem percebemos. Daquele dia em diante o nosso amor foi cada dia ficando mais forte, eu já não podia ficar um dia sem vê-la e ela também fazia de tudo para me ver. E os dias foram se passando. Entre eu e ela tudo as mil maravilhas... mas quanto a minha vida financeira, ia de mal a pior. Pouco dinheiro, eu tinha que manter a minha casa, tudo que eu ganhava ia à despesa ou seja no sustento dos meus pais e mais três sobrinhos que moravam em casa ,

Eu tinha apenas dezoito anos de idade, casar naquele momento era impossível, eu não tinha condições para sustentar uma família e queria dar ao meu amor a melhor vida que eu pudesse dar. Tudo que eu conseguisse perto do que ela merecia seria nada.

Um dia Bil fui ao meu encontro muito triste, eu perguntei a ela o que tinha acontecido e ela me disse:

— Eu acho que vão separar nós dois.

— Por que? Qual a razão?

— Não... não tem ninguém contra o nosso namoro, é que meus irmãos resolveram vender as casas e vão comprar terra em Mato Grosso e é por esta razão que nós vamos ter que nos separar.

Eu fiquei muito chateado com a possibilidade de ficar longe dela, mas procurei animá-la dizendo:

— Olha, se isto acontecer eu vou me preparar e vou te buscar lá.

Foi então que fiquei mais triste ainda quando ela me disse:

— Se isto acontecer não, vai acontecer. O Manoel já vendeu a casa dele e José já esta vendendo a nossa, lá pro mês que vem eles viajam para Mato Grosso para verem as terras.

Nesta hora senti vontade de ter condições para dizer não você não vai, eu vou casar com você antes disso... mas de que jeito, se eu era tão pobre, o melhor que eu tinha a fazer naquele momento era torcer pra que nada desse certo, ou quem sabe se as negociações demorassem e eu nesse tempo poderia me casar com ela... quem sabe .

Bil e eu já não nos tratávamos pelo nome. Ela me chamava de Nano e eu a chamava de Nana, este foi um jeito carinho que encontramos para chamar um ao outro. Ah... como era lindo nosso amor, os sinos da felicidade tocavam para nós, tudo era lindo e maravilhoso, por ela eu enfrentava o mundo se fosse preciso e ela dizia que faria a mesma coisa por mim... mas em todo amor verdadeiro, puro, sincero, existe alguma coisa para nos fazer sofrer e com a gente não foi diferente. Em meio a tanta alegria, tanta felicidade...veio a prova de fogo. É isso mesmo, prova de fogo . Eu me lembro muito bem que Bil usou estas palavras quando me deu a noticia:

— Nano chegou a hora da nossa prova de fogo.

Eu não sei se foi por um acaso ou foi mesmo uma peça que o destino quis nos pregar, mas a cantora Vanderléia em poucos dias lançou a musica *Uma prova de fogo*, aquela musica marcou demais este momento de nossas vidas.

A prova de fogo

A prova de fogo que Nana estava dizendo, infelizmente era a nossa separação já estava tudo certo seu irmão já haviam comprado às terras e a mudança estava marcada.

Eles iam se mudar realmente. Enquanto estávamos ali conversando chegou o meu amigo Zequinha, estava triste, parecia que o mundo tinha desabado em sua cabeça, ele me cumprimentou e disse:

— E aí, cara... A Bil já te falou sobre a mudança?

— Sim — respondi.

— Eu confesso amigo que não sei o que fazer, vou ter que me virar, você sabe meus pais estão no norte, a minha família. Aqui em São Paulo é tio José, minha tia e meu avô, eles se mudando vou ter que morar sozinho.

Durante toda aquela semana eu e Nana procuramos nos encontrar todos os dias. No domingo foi o nosso último encontro. Que triste hora é a do adeus, eu chorava, ela chorava, fizemos muitas juras de amor... mas nem eu nem ela podíamos nos conformar com aquela separação, mas era inevitável, no outro dia bem cedo a mudança seria carregada .

Chegou a hora do adeus, eu dei nela um abraço bem apertado e saí chorando como se fosse uma criança, em uma certa distância me virei para trás e ela me acenou com a mão.

Ah... que aceno triste, seu rosto estava molhado de pranto, depois daquele aceno ela entrou pra dentro de sua casa e eu só a vi oito meses depois.

Durante estes oito meses eu sofri tanto... Sofri com a ausência do meu grande amor, sofri por imaginar que poderia perdê-la, sofri por não ter notícias, cada carta que eu escrevia e não obtinha resposta eu ficava imaginando coisas... Será que ela me esqueceu ou será que estas cartas não estão chegando até ela, e assim muitas dúvidas me passavam pela cabeça e essa dúvidas me faziam sofrer. Eu chorava, mas não tinha quem me consolasse. Cada semana eu mandava uma carta e nada de resposta... Este silêncio quase me levou a loucura, o que às vezes me consolava era pensar que ela me amava, confiante neste amor eu achava razão para continuar com minha espera... e o tempo foi passando. Na época os Vis estavam no auge do sucesso e gravaram uma musica cujo o titulo chamava-se: A volta. Essa musica marcou muito para mim, sua letra dizia assim:

Estou guardando o que há de bom em mim

Para te dar quando você chegar

Toda ternura e todo meu amor estou guardando pra lhe dar...

Essa musica dizia tudo o que eu queria dar ao meu amor quando ela voltasse... se ela voltasse, então eu resolvi compor a resposta desta musica, porque eu tinha a esperança que ela voltaria e por esta razão escrevi estes versos.

Eu estava tão só
Muito triste a pensar
Quando seria, que ela iria voltar.
De repente ouvi
A campainha tocar
Corri para atender
E de perto pude ver
Que era meu amor
Que acabara de chegar
Eu não consegui falar
Peguei em sua mão
Cheio de emoção
Seus lábios eu beijei
E tudo que havia de bom dentro de mim
A ela eu entreguei
Eu lhe dei amor, e muito carinho.
Em seus doces lábios
Dei milhares de beijinhos
Ela jurou para mim
Que nunca mais me deixara
Com ela sou feliz
Vivo a sorrir e a cantar...

Esta canção eu fiz, para cantar pra ela assim que ela voltasse, Mas aqueles oito meses foram tão longos que certo dia imaginando que ela não voltava mais, comecei a chorar e chorando escrevi outra canção que falava sobre o meu sofrimento... falava da minha dor por ter perdido a mulher que eu tanto amava .

Essa canção dizia assim:

Perdi tudo que eu tinha na vida
Perdi para sempre, o meu grande amor.
Ela me disse adeus, e o se adeus, me encheu de dor.

Nada mais me resta desta vida
A não ser esta triste solidão
Viver para mim já não empurra
Com este adeus ficou morta
Toda minha eclosão

Em meus olhos, já não existe uma só lágrima.
Todas que existia, por este amor eu chorei.
Minha vida hoje é como uma noite escura
Cheia de tédio de tristeza e amargura
Porque perdi, a mulher que tanto amei.

Esta canção se transformou em meu hino, em todos os lugares onde eu cantava, eu a cantava e o pessoal que me ouvia às vezes pediam bis e diziam:

— Nós gostamos desta musica, você canta ela com o coração.

Mal sabiam que realmente eu estava cantando, mas o meu coração chorava. Mas o tempo foi passando e eu já quase sem esperança ia cada vez mais me entristecendo, mas um dia... oh que dia maravilhoso, através de um amigo eu soube que a minha Nana estava de volta! Eu duvidei, questionei o amigo dizendo:

— Você deve estar enganado!

— Creia é a pura verdade.

O meu amigo que se chamava Roberto depois de dar a boa notícia disse:

— Cara, tenho que ir embora. A minha mina me espera.

Roberto foi se encontrar com sua namorada e eu fiquei ali na dúvida: “será que ela voltou mesmo?” ou “será que é brincadeira do Roberto?” Bem, o melhor jeito de se tirar uma dúvida é indo conferir o ocorrido e foi o que eu fiz.

Fui até a minha casa tomei um belo banho, me troquei e desci para a praça, de tanta ansiedade eu não andava, corria, até que enfim cheguei à praça, por coincidência a primeira pessoa que eu avistei foi a minha grande amiga e confidente, logo ao vê-la, fui ao seu encontro e lhe perguntei:

— E aí mina, o que há de novidades?

— Você ainda não sabe?

— Sabe o quê?

Ela, com um lindo sorriso que lhe era peculiar, respondeu:

— A minha tia, ela voltou, chegou ontem a noite.

Confesso que naquele instante eu não soube como agir, fiquei parado sorrindo parecia um bobo. A minha amiga que sabia do meu sofrimento, durante o tempo de ausência da minha amada, me tocou no braço e disse-me:

— Seu sofrimento acabou, ela esta de volta. Vá correndo ao encontro dela, diga a ela o quanto você a ama.

Eu estava tão ansioso pra vê-la, tocá-la, lhe cobrir de beijos, mas... ai surgiu em mim aquela dúvida cruel: será que ela ainda me ama ou será que me esqueceu?

A minha amiga, me vendo ali calado, parece que adivinhou meu pensamento e disse-me:

— Ela te ama sim, quando ela me viu assim que chegou, me perguntou... Aliás, não perguntou, me interrogou, quis saber tudo a seu respeito.

— O que você disse?

— Não se preocupe tá tudo bem, só falei o que eu sei, sabe...

— Sabe o quê? — indaguei curioso.

— Ora — respondeu minha amiga — sei que você a ama.

Com estas respostas fiquei mais aliviado e parti para ver se me encontrava com ela, mas infelizmente naquele dia não pude vê-la. A minha amiga se chamava Rosilene e era sobrinha de Benedita.

No outro dia sai para o trabalho cheio de ansiedade, a única coisa que eu pensava era no momento do nosso reencontro, passei o dia apreensivo, só fiquei mais tranquilo quando deu o sinal da saída, sai correndo tomei o ônibus. Normalmente eu fazia este percurso pra casa tranquilo mas aquele dia eu estava inquieto parece que o ônibus ia mais devagar ,eu queria chegar logo em casa... eu precisava chegar logo há que agonia, mas tudo era mesmo aquela ansiedade louca que eu estava com ela pra encontrar com ela .

Mas tudo deu certo naquela noite eu me encontrei com ela... oh como foi bom todas as duvidas foram desfeitas, nosso amor continuava do mesmo jeito muito forte, nós tivemos um reencontro inesquecível, ela jurou para mim que jamais me deixaria e eu disse a ela:

— Eu jamais te deixarei, e tem mais se você topa breve nós estaremos juntos com a benção de Deus e de nossos pais, unidos pelos laços do matrimônio .

Naquela noite, o sol da felicidade voltou a brilhar em nossas vidas, o nosso amor se fortaleceu ainda mais com o seu regresso, a partir do nosso reencontro começamos a pensar em nosso casamento.

*Apesar das muitas dificuldades, chegou o grande dia,
25/01/1969.*

Neste dia – na igreja católica do bairro da Cocaia, foi realizado o casamento de Natal e Benedita...

Os primeiros meses de convivência de um casamento sempre são cheios de grandes momentos de amor, e não foi diferente com o nosso casamento apesar de não termos tido lua de mel, nos casamos no sábado e na segunda-feira lá estava eu no trabalho. No primeiro dia... As gozações dos amigos, a ansiedade de voltar pra casa, bem foi um dia divertido, porém muito agitado e longo, afinal era meu primeiro dia de trabalho depois de casado, mas o dia de trabalho chegou ao fim e eu voltei pra casa. Quando cheguei em casa, Nana já me esperava toda cheirosa e cheia de amor pra dar, me beijou me abraçou e disse:

— Nano, o jantar está pronto.

Tomei meu banho, jantei e depois enquanto ela lavava a louça eu permaneci sentado no lugar onde eu tinha jantado, fiquei observando seus movimentos e pensando como ela é linda... além de linda é uma excelente dona de casa, sem que ela percebesse cerrei meus olhos e agradei a Deus por ter colocado em minha vida uma pessoa tão maravilhosa.

Os dias foram se passando e o nosso amor cada dia aumentava... Mas a vida não era fácil, tínhamos prestações de móveis pra pagar, aluguel de casa, tínhamos que comer e se vestir, o que eu ganhava mal dava para comer e pagar o aluguel, as prestações eram pagas com horas extras, por esta razão eu trabalhava em media doze horas por dia e a noite, mas isso tudo não abalou o nosso casamento, cada dia que passava a gente se amava mais. Na passagem de ano, após nove meses de casados, nós fomos para a casa de uma cunhada, Quitéria, meu concunhado se chamava Manoel. Naquela noite eu tive duas surpresas uma agradável e outra desagradável. A primeira foi muito desagradável, descobri que meu concunhado brigava com minha cunhada e isso pra mim foi horrível, a outra surpresa foi muito agradável, Nana suspeitou que estivesse grávida, era só uma suspeita, mas me deixou tão feliz que me fez esquecer a briga, abracei minha esposa, beijei e disse a ela:

— Muito obrigado, amor. Eu vou ser pai!

Ela me alertou:

— Nano é apenas suspeita, vamos aguardar mais um pouco para comemorar. Eu concordei com ela, mas o meu coração me dizia que eu já era pai e isso pra mim bastava.

Eu disse que já era pai porque no meu entender a partir do momento da concepção o homem e a mulher devem considerar-se pais, afinal no ventre da mulher está uma vida gerada pelos dois e no nosso caso fruto do nosso amor. Começamos o ano de 1970 felizes, dois dias após a passagem do ano, ou seja, no dia três de janeiro, veio à confirmação: Nana estava grávida, no trabalho os amigos brincavam, diziam:

— E aí, funcionou?

E eu todo orgulhoso dizia

— Comigo é assim, eu vou ser pai e vai ser um garotão.

O tempo foi se passando, um mês, dois meses, três meses, a barriga da Nana cada dia crescia mais, eu dizia: é um menino; ela dizia: é menina, mas pra nós, menino ou menina não tinha importância todos os dias eu e ela amávamos mais aquela barriga. Ali estava o fruto do nosso amor. Cada dia que se passava o nosso amor aumentava por aquela criança que estava pra nascer e aumentava também a nossa ansiedade para ver aquele rostinho. No ultimo dia do mês de outubro de 1970 eu cheguei do meu trabalho por volta das 18h, Nana como de costume já estava me esperando na porta, ela me deu um beijo e em seguida me disse:

— Nano, hoje eu não passei muito bem e estou sentindo dores.

Pensei: “chegou a hora!” Já fiquei todo apavorado, queria ir imediatamente ao hospital mas Nana me disse:

— Calma, as dores ainda estão começando. Pode jantar, depois nós vamos.

E assim aconteceu . Por volta das 22h chegamos ao hospital. Depois de passar por exames, Nana ficou para ganhar o bebê. Voltei pra casa, mas passei o resto da noite pensando e ansioso para que chegasse a hora de voltar ao hospital, aquelas horas de espera foram de tensão, de preocupação e de ansiedade. Mas o tempo não para. Enfim chegou hora, fui para o hospital e quando lá cheguei, perguntei para a recepcionista:

— Nasceu?

— Quem?

— O meu filho.

— Dê o nome da sua esposa primeiro.

Me desculpei, dei o nome de minha esposa e ela me disse:

— Nasceu. É uma linda menina.

— Menina! — Exclamei.

Ela, ao ver o meu espanto perguntou:

— Não gostou?

— Gostei. É que eu pensei que fosse um hominho, mas se é linda e está perfeita não importa o sexo, quero mais é abraçar minha esposa e conhecer minha filha.

A recepcionista disse:

— Pode entrar.

Subi as escadas correndo, quando cheguei no quarto mal tinha fôlego para ficar de pé, abracei, beijei minha Nana e disse:

— Eu já sei, é menina. Eu quero vê-la...

Eu nem terminei de falar a enfermeira entrou no quarto com aquele pinga de gente frágil, mas tão linda e meiga que eu não pude suportar tanta emoção ao apertá-la em meus braços desabei a chorar e ao mesmo tempo agradecia a Deus por ter me dado aquele anjo .

E assim foi o nascimento da nossa primeira filha que recebeu o nome Claudineia. A minha vida, que já era boa ao lado de minha Nana, ficou ainda melhor, nosso lar ganhou mais alegria, Claudineia foi crescendo e cada dia que passava ficava mais engraçadinha. Tudo corria as mil maravilhas, eu trabalhava em uma boa firma, meu salário não era um grande salário, mas dava para o nosso sustento, mas eu não estava satisfeito e por esta razão passei a estudar no SENAI à noite, fazer um curso de reparador de rádio e televisão. O meu objetivo era trabalhar por conta por uma oficina, mas antes mesmo de terminar o curso fui mandado embora da firma que era Olivetti do Brasil; Mas a minha demissão não causou em mim tristeza alguma ao contrario eu fiquei foi muito feliz, eu ia ser pai pela segunda vez e tinha comprado um terreno. Com a minha indenização meu sonho poderia ser realizado, eu ia fazer a minha casa própria, e foi que fiz o que eu não esperava é que o meu filho nasceria no mesmo dia de minha demissão, por esta razão que não fiquei triste, meu lar agora tinha uma princesa e um príncipe. Durante o tempo em que trabalhei na Olivetti fiz grandes amigos, um deles foi o Dr. Lamas, este me ajudou muito, ao ser demitido, pedi a ele que me indicasse ao empregador da Philips do Brasil por duas razões, uma porque eu estava cursando eletrônica e por outra a firma ficava ali mesmo em Guarulhos, ou seja, bem de frente de onde eu trabalhava. O Senhor Lamas atendeu o meu pedido e tudo deu certo, após um mês eu já estava empregado novamente .

No meu novo emprego corria tudo bem, em meu lar também, Claudineia e Claudinei cada dia que passava ficavam mais levados e a Nana mais nervosa com as travessuras deles. Um sábado fui trabalhar para fazer um serviço extra e ao comentar com o meu chefe sobre o meu curso de Eletrônica ele me disse

— Mas você está trabalhando de faxineiro, está errado, você é qualificado.

— Eu sei que está errado, mas não tinha vaga para meio oficial e eu tenho dois filhos e preciso cuidar deles.

Seu Luiz Galle era um homem muito bom e por esta razão na segunda-feira cuidou para que eu fosse promovido a meio oficial de reparador de rádio e televisão, a partir daquele dia a minha vida começou a mudar, comecei a ganhar mais, podia dar mais conforto a minha família, e até pensar em comprar um carro e foi o que logo aconteceu, comprei um fusca semi-novo, era um fusca branco gelo, que felicidade, o nosso primeiro carro, agora a minha Nana e meus filhos tinham um carro pra gente passear.

O tempo foi passando as crianças crescendo, e eu e a minha Nana se amando cada dia mais, dizem que não existe a felicidade, mas nesta época eu era feliz. Nossa vida corria as mil maravilhas e para melhorar no ano de 1973 fui promovido a Supervisor Técnico, o meu salário... bem o quanto eu passei a ganhar eu já nem me lembro, eu só sei que foi pra oito vezes a mais do que eu ganhava. Meu carro já passou a ser velho. Então eu e minha esposa assim que desse, iríamos vender o carro e comprar outro, mas teria que ser zero km, e isto veio a acontecer.

No ano de 1975 o nosso sonho se realizou, uma noite cheguei a casa e disse a Nana:

— Vendi o carro, amanhã você vai até a loja escolhe o carro e me liga, e assim foi feito ela escolheu, me ligou e me esperou na loja na qual fechamos negócio... que carro lindo, bem

não preciso nem dizer a vocês se eu gostei do carro, eu e a Nana até nisso nós combinávamos. Este carro nos deu um grande prejuízo logo que compramos, em uma tarde fomos até a casa de meus pais para mostrar o novo carro, mas antes não tivesse ido, naquele dia eu não sei o que aconteceu o carro parado rolou ladeira abaixo caindo sobre uma casa, que tristeza o carro que nós compramos com tanto sacrifício, lá estava parcialmente destruído, foi um transtorno, ficamos tristes, mas não machucou ninguém, tava tudo bem, Nana me abraçou e me disse:

— Nano o que tá feito tá feito vamos tocar a vida pra frente, no outro dia levei o carro para a oficina, foi arrumado e nós seguimos em frente.

Esse foi o primeiro susto que eu e Nana passamos apesar do acontecido nosso amor cada dia mais aumentava. O que nos não esperávamos é que nossa vida em breve teria uma mudança drástica, em 1976 no mês de agosto algo terrível aconteceu... fui mandado embora da firma, que golpe, meu salário alto, cargo bom, o que seria de nós? mas quem tem amor tem tudo e eu confiava no meu amor, no dia eu e Nana novamente fizemos o mesmo ritual, nos abraçamos, choramos e depois olhamos um nos olhos do outro e, respiramos e dissemos: juntos venceremos. A partir deste dia passei a procurar emprego, que difícil, meu cargo, meu salário, as firmas diziam que eu não devia rebaixar a carteira e com isso cada dia era uma decepção,

Em dezembro de 1976 resolvemos fazer uma viagem para a cidade em que nasci, fomos para Cosmorama na casa de minha irmã Ana, ficamos quinze dias pesquisando um lugar para morar e colocar um negocio próprio, um bar, uma loja, mas depois optamos por trabalhar vendendo roupa como ambulante, voltamos a Guarulhos, preparamos a mudança e no mês de janeiro nos mudamos, o nosso aniversário de casamento daquele ano nós já comemoramos em Cosmorama, eu me lembro que por não ter ninguém dos parentes de Guarulhos a comemoração foi a quatro: eu, Nana e nossos dois filhos, dançamos pulamos, mas também choramos... sim choramos de saudades dos amigos, dos parentes e também dos nossos pais. Apesar de sentirmos falta de todos, eu e Nana estavávamos esperançosos, afinal, eu, ela e os filhos estávamos juntos e isso era o que importava .

No mês seguinte começamos a nossa luta. Carro cheio de mercadoria, batendo de porta em porta, foi aí que percebi o valor e a garra de minha mulher, ela me ajudava na rua e ao mesmo tempo cuidava dos filhos. A cada 15 dias a gente viajava pra São Paulo para fazer compras e ao mesmo tempo visitávamos os nossos pais, Os negócios iam muito bem e eu e a minha Nana nos amando cada vez mais, um dia resolvemos colocar uma loja de sociedade com meu cunhado, com isso Nana parou de viajar comigo e eu e meu cunhado viajavamos juntos para fazer compras. Nana ficava em casa cuidando das crianças, que já estavam em idade escolar. Aos sábados e domingos saíamos para o sítio para vender e comer sempre um franguinho caipira ora naca de minha irmã. Outro dia, na casa de um sobrinho ou mesmo na casa de clientes que nos convidavam, não se ganhava muito, mas dava pra sobreviver, acontece que sociedade é sociedade, nem sempre dá certo e a minha com o meu cunhado também não e por causa disso tivemos a terceira tempestade em nossa vida, tivemos que fechar a loja. Fiquei

devendo muito a ponto de precisar vender o meu carro que além de nossa condução era o nosso ganha pão. Dias difíceis foram aqueles, meus filhos já não tinham mais o conforto de antes, os amigos se afastaram, eu e minha Nana ficamos isolados de tudo e de todos. Eu me lembro que um certo dia a minha filha abriu a geladeira e fez a seguinte pergunta:

— Pai, acabou as frutas, os doces, os danones... o senhor não vai comprar mais?

Neste instante parece que abriu uma fenda na terra, eu fiquei sem saber o que fazer e nem o que responder para a minha filha, então comecei a chorar me sentindo fracassado, nesse momento mais uma vez senti a força de uma grande mulher e um grande amor. Ela veio, abraçou a mim e aos nossos filhos e disse:

— Força Nano! Nem tudo está perdido, amanhã é um novo dia. Enxugue suas lágrimas e vamos pensar em uma saída.

Eu me lembro que ela me deu um beijo e foi cuidar do jantar com as poucas coisas que tínhamos. Após o jantar sentamos no sofá e falamos sobre as possibilidades de reverter aquele quadro, mas estava difícil, muita dívida, sem crédito... que situação, bem já que não tínhamos nada a resolver que tal dormir, fomos para o nosso quarto, nos amamos e dormimos. No outro dia bem cedo me levantei fiz o café e logo em seguida tomei uma atitude, disse pra Nana:

— Vou procurar o que fazer.

— O que você pode fazer? Nesta cidade aqui não tem emprego!

— No sítio tem e é pra lá que eu vou.

Abracei ela e meus dois filhos, dei um beijo em cada um e parti rumo ao sítio onde morava um grande amigo meu que se chamava Afonso Molina. Chegando lá contei a ele a minha situação e ele e sua esposa dona Áurea me deram a maior força. Seu Afonso me levou até um sítio contou a minha situação e ele me deu serviço para arruar café... arruar café? O que é arruar café? Eu sei que muitos leitores não sabem o que é arruar café, por esta razão vou explicar. Arruar café é embaixo do pé de café tirar todo o mato e os poucos de areia que se acumulam ali, formando assim uma leira de cada lado da rua de café possibilitando a colheita. Bem este era o serviço que eu teria que fazer, era difícil, sim, era, mas minha amada e meus filhos não podiam passar necessidade, por esta razão decidi enfrentar mais esse desafio. Voltei pra casa e comuniquei a minha Nana o que eu tinha acertado pra fazer, Nana ficou apreensiva, ela nunca tinha me visto trabalhar no sol e nem na roça.

No outro dia bem cedinho me levantei, tomei café, e fiz como era de costume dei um beijo nas crianças e outro em Nana e fui pra roça, coloquei um chapéu amarrei um pano no pescoço pra me proteger do sol e comecei o meu trabalho. Que difícil! As mãos doíam, os braços a costas, bem, enfim doía tudo, mas não desisti, trabalhei o dia todo. A tardezinha passei na casa de seu Afonso, tomei uma água e um café e fui pra casa, quando cheguei em casa as crianças correram me abraçar, e minha Nana foi ao meu encontro, me abraçou, me beijou e disse:

— Nano, eu estava preocupada, o sol foi muito quente, como você está?

— Tudo bem, só estou cansado, mas isso passa. Você vai ver;

Nana não se conformava com esta situação mas confiava em mim e por isso ficou calma. No dia seguinte quem entrou em desespero fui eu, parecia que eu tinha levado uma surra doía tudo, Nana vendo meu sofrimento disse:

— Nano, não vá! Deus vai dar um jeito e nós vamos sair dessa sem você se matar e dizendo isto me abraçou a chorar, fui para cozinha fazer o café e... Não tinha café, o açúcar, mal dava pra adoçar o leite das crianças, o arroz, o feijão, a gordura só dava pra fazer o almoço, que situação, eu teria que fazer alguma coisa, saí sem o café, tomei apenas um copo de água, me despedi e fui pra roça. Logo que cheguei ao trabalho, chegou o dono do cafezal, então eu contei a ele que eu estava preocupado se estava certo ou errado o que eu estava fazendo, ele me tranquilizou e disse:

— Vou ser sincero contigo, quando vi as suas mãos tão finas eu não pensava que você iria encarar, mas você está indo muito bem, o serviço está ótimo, vai em frente, se precisar de alguma coisa me fala.

Meio acanhado eu disse a ele sobre tudo o que estava faltando em casa, então ele me disse:

— Para mais cedo e passa lá em casa que nós vamos dar um jeito.

Ele foi embora e eu continuei meu trabalho, como não havia levado almoço, procurei uns mamões no meio da plantação de café, comi e trabalhei até as três horas da tarde, deixei o serviço e fui até a casa do Sr. Valter com quem eu estava trabalhando, confesso que quase chorei ao ver o que ele tinha preparado pra eu levar pra casa.

Tinha uma saca de arroz de 60kg, uma lata de banha de porco, 30kg de feijão, ao ver tudo aquilo, pensei: “Nana vai ficar contente, pelo menos por uns três meses a compra está garantida.” Tudo bem ali eu tinha mais que o suficiente, mas e pra levar, quando eu estava imaginando como levar o Sr. Valter disse:

— Natal eu vou pra cidade, pode deixar que eu te dou uma carona e levo tudo pra você,

Ele se arrumou e me levou para casa. Foi uma verdadeira festa quando eu cheguei, Nana e as crianças me esperavam mais tarde, mas eu cheguei mais cedo e com parte da solução para os nossos problemas, como de costume contei a minha Nana o acontecido, depois nos abraçamos e agradecemos a Deus por mais esta dádiva que ele nos deu, e assim se passou mais um dia e um dia vitorioso. Continuei trabalhando, um dia amanheci triste, durante a noite sonhei que a minha Nana havia morrido e eu não estava em casa, me desesperiei chorei e quando estava chorando minha Nana me perguntou o porquê, mas eu não tive coragem de contar a ela o sonho, pensativo saí pro trabalho, mas o dia inteiro pensei como seria sem ela... sem os seus carinhos sem os seus abraços, que seria de mim, como poeta que sou me veio na mente este poema:

Como um casal de pombinhos, que vive alegre a voar.

Batendo suas asinhas, fazendo verão no ar.

Assim são os namorados andando de par em par

Sonhando com o futuro, e as maravilhas de um lar.
E assim muitos se casam segue o mesmo caminho
Nascem filhos, crescem e casam se os filhos, e logo vêm os netinhos.
Agora já não são dois jovens é um casal de velhinhos
Mas mesmo assim entre eles, existe muito amor e carinho.

Mas um dia que triste sorte, aparece à fria morte, faz a sua ingratidão.
Leva um e deixa o outro, neste mundo de eclosão.
Ninguém quer assim, mas tem que ser.
Quem nasceu tem que morrer e por isso tem que haver
A cruel separação
Cruel separação – Natal Rosa

Este sonho para mim se tornou um pesadelo, passou a me acompanhar, tudo o que acontecia eu já ficava assustado e me lembrava do sonho, mas os dias foram se passando e eu aprendi a conviver com mais esta lembrança. Voltando a minha historia, eu consegui terminar de arruar o café, paguei o que devia... em partes, o que o Sr. Valter havia me arrumado ele me deu como presente, de tão satisfeito que ficou com o meu serviço, queria até que eu ficasse trabalhando com ele, mas eu lhe agradei por tudo que ele tinha me feito e decidi procurar outro rumo pra nossas vidas. Com o dinheiro recebido fiz alguns acertos e fui para Guarulhos tentar vender a nossa casa, mas infelizmente não consegui. Enquanto caminhava pelas ruas da cidade encontrei um amigo, que logo a me ver veio sorrindo e disse:

— Pra onde tem andado Natal, não vi mais vocês e as crianças como estão, dona Benedita como está?

— Tudo bem, estamos todos em casa com saúde, mas eu não moro mais aqui, por esta razão que não levei mais meus filhos ao consultório, o senhor doutor como está?

— Tudo bem. — Em seguida, perguntou-me: — Quer comprar um carro?

— Comprar um carro?

— Sim — ele retrucou — Estou vendendo um carro.

Então em poucas palavras expliquei o que estava acontecendo comigo e a minha família. Dr. Roberto bateu em minha cabeça e disse:

— Eu vou te ajudar e me ajudar, você precisa do carro e eu preciso da garagem vazia, você vai levar o carro pra Cosmorama lá você o vende pra mim, o meu preço é 18,000 cruzeiros se você vender por mais o lucro é seu.

Eu fiquei em dúvida, achei que estava muito fácil aquele negocio, mas quem está perdido não escolhe caminho, aceitei ver o carro, este foi o primeiro negocio que fiz depois de casado sem uma consulta prévia da minha Nana, o carro era um Corcel vermelho, o modelo de luxo ano 1973, impecável, eu vi naquele carro a chance de um recomeço, por isso aceitei o negocio. Quando cheguei na casa de meu pai com aquele carrão, Nana me chamou do lado e perguntou já me repreendendo:

— Nano o que foi que você fez? Trocou com a casa? Comprou fiado?

Eu lhe abracei e disse:

— Calma Nana, não fiz nada de errado.

Contei o que tinha acontecido, ela entendeu, e como sempre confiou em mim e no outro dia voltamos pra nossa casa. Durante a viagem foi tudo as mil maravilhas, o carro estava em excelente estado, dava até pena pensar que tinha que vender, mas era preciso. Logo que chegamos em casa descansei um pouco, e em seguida fui até a praça onde ficavam os corretores... Mais conhecidos na época como marreteiros de carro, levei a preciosidade e indaguei o preço, me disseram:

— Este carro é pra valer uns trinta mil contos.

Isto é 30,000 cruzeiros, é que os marreteiros falavam que mil cruzeiros era mil contos, satisfeito espalhei que estava vendendo, em seguida voltei pra casa, pra contar a novidade pra minha Nana, ela também ficou satisfeita, pois nós teríamos a chance de ganhar uns doze mil cruzeiros, bem só o tempo poderia dizer sim ou não. E os dias foram se passando todos os dias eu saía e nada de vender o carro. Um dia um corretor bateu palmas em minha casa, estava com uma perua Kombi, assim que atendi ele me disse:

— E aí, dá pra encarar essa em troca do carro?

— Depende a volta.

— A Kombi é ano 75 e o seu é 73 você quem tem que me voltar.

— Nada feito!

Depois de muita teima, fechamos o negocio, ele levou o carro e eu fiquei com a Kombi, ele me voltou 10,000 cruzeiros. Na mesma hora fui até o telefone e comuniquei ao meu amigo o que eu tinha feito, ele concordou, eu mandei a ele o dinheiro e ele me mandou o documento do carro, pronto para a transferência, fiquei devendo a ele 8.000, oito mil cruzeiros, combinei com ele pelo telefone que assim que eu vendesse a Kombi mandaria o resto.

Com aquela Kombi eu e minha Nana começamos a vender um resto de estoque que tínhamos, vendíamos e comprávamos coisas do sítio, exemplo, café, ovos, frangos e queijos. O café nós vendíamos na máquina de benefício, queijo, ovos e frango, um pouco ficava em casa e o que sobrava os vizinhos compravam e assim voltamos a lutar. Mas eu precisava vender a Kombi, tinha dívidas e isso nos tirava o sono, mas Deus estava do nosso lado e isso era o que importava pra nós.

Não demorou muito tempo pra aparecer negocio pra Kombi, e que negocio!...Vendi a Kombi por 35.000 cruzeiros, paguei o meu amigo e me sobrou dinheiro para comprar outro carro e ainda deu pra ir a Guarulhos visitar nossos pais e tentar vender a nossa casa. Mas ainda não foi desta vez. Voltamos e fomos viver a nossa vidinha, até que um dia Nana me disse:

— Nano o que eu não queria aconteceu, acho que estou grávida.

Na situação que nós estávamos, outro filho poderia ficar mais difícil, Claudinéia, e o Claudinei, já estavam bem gradinhos, ela estava com 9 anos e ele com 8 anos, e agora Natal como agir agora, mas com calma abracei a minha Nana, lhe dei um beijo bem gostoso e depois disse:

— Nana, se Deus quis assim, assim será. Uma criança é uma nova vida e esta será a nossa grande mudança, vou procurar outra saída pra nós.

As crianças na escola, Nana grávida, decidi arrumar um novo emprego e me mudar para uma cidade maior que Cosmorama, o primeiro pensamento foi voltar pra Guarulhos. Deixei Nana e os meninos e viajei pra ver como estava nossa casinha, quem sabe dava pra voltar, mas... Que tristeza, ao ver nossa casa cheguei a chorar, ela estava mais parecendo uma tapera, os vândalos tinham acabado com nossa casa, o preço dela, bem dela, não dele, porque só valia mesmo o terreno, enquanto eu estava sentado ali na calçada sem saber o que fazer passou uma senhora e me perguntou se eu vendia, eu disse:

— Vendo, a senhora quer comprar ou tem comprador?

— Tenho um comprador, se o senhor esperar aí um pouco eu vou chamá-lo.

E assim ela fez, o comprador era o dono de uma imobiliária, ele me ofertou pouco mais da metade do preço que eu queria, eu queria 450,000 cruzeiros, ele me ofertou de princípio 200,000 cruzeiros, mas depois de alguns minutos acabei vendendo por 250,000 cruzeiros, fechei o negócio e voltei no mesmo dia pra casa. Durante a viagem me veio um pensamento: “e se nana não concordasse com o que eu tinha feito?”. Ela precisava assinar a escritura, mas ao mesmo tempo pensei: “tudo o que fiz foi para o nosso bem”. Eu tinha certeza que ela iria reclamar do preço, mas era só, ela jamais reprovaria o que eu havia feito, afinal com aquele dinheiro eu iria construir ou comprar outra casa pra nós.

Cheguei em casa por volta das cinco horas da manhã, Nana estava dormindo, bati na porta e a chamei.

Não obtive resposta, bati de novo e tornei a chamar Nana, só que desta vez mais forte, foi então que acordaram... Sim acordaram os três e correram a meu encontro... Que felicidade, quanta alegria, estava em casa de novo, sendo coberto de beijos por minha Nana e meus dois filhos, enfim eu estava de volta. Nestas alturas minha Nana já estava começando a mostrar barriga, e ela me disse toda satisfeita:

— Nano, eu já sinto o bebê, ponha a sua mão aqui na minha barriga, vê se você sente.

Quando coloquei a mão o nenê deu um chute... eu acho que com isso ele quis dizer “oi papai eu também estou aqui”. Eu fiquei tão satisfeito, cobri meu amor de beijos e agradei a Deus por ter chegado em paz .

Nana me perguntou:

— Nano, vendeu a casa?

— Vendi.

— Esse vendi seu foi um vendi muito chocho, conta-me direitinho o que aconteceu.

Foi então que contei a ela tudo que tinha acontecido e como eu já havia previsto, ela não gostou do preço, mas depois me abraçou e disse:

— Bem, você sabe o que faz...

Deu-me um outro abraço e eu fui descansar da viagem. Assim que terminei o meu descanso, me sentei no sofá, chamei minha Nana e fomos traçar novos rumos pra nossa vida,

decidimos que eu iria procurar um emprego em outra cidade e nós íamos procurar uma casa pra comprar. No outro dia bem cedo fui até a cidade vizinha, Votuporanga, era maior, tinha mais indústria, quem sabe lá eu encontraria um emprego. Quando cheguei na cidade fiquei sabendo que recentemente havia sido inaugurada uma rádio e que estavam fazendo teste para locutor, como eu já havia trabalhado em uma rádio pensei: “vou tentar”, e me dirigi para a Rádio Oito de Agosto.

O seu proprietário se chamava J Pereira. Quando entrei em sua sala, quase que desisti de fazer o teste, ele me recebeu assim:

— Porque veio aqui? O que você quer aqui? Você não tem pinta de locutor, parece que nem falar você sabe!

Pensei uma, duas, três vezes, pra não responder mal a ele, afinal eu estava precisando trabalhar e o meu objetivo era trabalhar e fazer novos amigos nesta cidade, então me contive e disse a ele:

— Meu senhor, eu preciso tentar. Tenho mulher e dois filhos e logo vem o terceiro, se realmente a rádio está precisando de locutor, deixe-me fazer o teste.

J Pereira entregou em minhas mãos um gravador e disse:

— Vai até a sala ao lado e grave alguma coisa.

Peguei o gravador, entrei na sala e comecei a falar... fiz de improviso uns vinte minutos de programa, terminando de gravar levei o gravador e ao entregar o senhor J Pereira me disse:

— Aguarde um pouco vou chamar o diretor artístico para ouvir, logo em seguida te chamo. O diretor, aliás diretora, artístico era uma mulher muito bonita que se chamava Lourdes Mainardi.

Após ouvirem a minha gravação, J Pereira me chamou e disse:

— Eu não gostei, mas a Lourdes acha que você pode sim pertencer ao nosso quadro e eu vou confiar nela... Deixa aí seu endereço que eu mando te chamar.

Agradei, me despedi e saí dali a procura de outro trabalho, eu não podia esperar, eu precisava do emprego urgente, eu ia ser pai novamente e minha Nana e meus filhos dependiam de mim.

Rodei por toda a cidade naquele dia e a melhor coisa que aconteceu foi aquele teste. Caiu a tarde e eu voltei pra casa, ao chegar a casa narrei a minha Nana o que eu tinha feito durante o dia e ela como sempre me incentivou:

— Não desanima não, Nano. Vamos em frente.

Mas os dias foram passando, todo dia eu procurava emprego e nada, comecei a ficar preocupado, então decidi vou procurar umas casas ou um terreno pra comprar. Conversei com Nana e começamos a procurar a casa ou o terreno. No primeiro dia de procura quase que desanimamos, o nosso dinheiro não dava pra comprar casa, todas as casas que encontramos nosso dinheiro só dava pra dar pouco mais que uma entrada e o resto como íamos pagar? Sem emprego, que sinuca de bico, mas o que eu sempre tive ao meu lado não era uma mulher eu tinha uma guerreira que mais uma vez me deu carinho e não me deixou desanimar. Minha irmã

Ana morava no sítio e era um lugar aonde nós sempre íamos. Nesse dia não foi diferente, fomos até a casa dela e quando lá chegamos comentamos sobre nossos planos, a procura da casa, a dificuldade de encontrar, foi então que minha irmã me disse:

— Natal, eu tenho um terreno lá em Votuporanga e eu quero vender, você me dá o que eu já paguei e continua pagando a prestação, se você interessar, amanhã eu vou com você e mostro o terreno.

E assim ficou combinado. No caminho de volta pra casa, Nana me disse:

— Nano, amanhã você vai ver o terreno, mas vê bem direitinho se dá pra construir, não vá se sacrificar, pense bem.

Nana era uma mulher muito cuidadosa e zelosa por mim e seus filhos. Ela às vezes se sacrificava, mesmo estando doente, para que nada faltasse aos filhos e nem a mim.

No outro dia fiz como havia combinado, vi o terreno e como era bom, fechei o negócio com minha irmã e logo em seguida voltei pra casa.

Quando chequei em casa minha Nana estava na porta me esperando e quando me viu, sorriu e pelo seu sorriso vi que ela já sabia que eu tinha feito o negócio. Lhe abracei bem forte, lhe beijei e disse:

— É isso aí, meu amor, logo vamos ter a nossa casa de novo.

Expliquei a ela o que tinha feito e nós já começamos a pensar na construção, fiz a planta em um papel, mostrei para Nana, ela aprovou e no outro dia levei para o engenheiro.

Já estávamos no mês de novembro de 1979, eu queria fazer a casa o mais breve possível, por esta razão pedi para o engenheiro que contratei para que apressasse com os papéis, eu queria começar o quanto antes. O engenheiro no mesmo dia à tarde me deu um rascunho da planta e brincando-me disse:

— Vai seu apressadinho, vai fazer a sua casa.

E foi o que eu fiz. Comprei todo o material, paguei, pedi para que não entregassem de uma vez, assim que eu fosse precisando eu pedia pra eles levarem, e assim foi feito. No dia 4 de novembro comecei a construção, em um dia risquei e comecei a cavar o alicerce, que dureza! Terra dura, sol quente a mais de 35 graus, se não fosse à força que eu tinha que vinha do amor de minha Nana e meus filhos nesta época eu tinha fracassado, mas enfrentei. Nana ao me ver lutando, apesar de estar grávida, decidiu me ajudar, na pilha de bloco eu fiz uma cabana, e ela cortava os blocos para que eu fizesse as canaletas. Enquanto eu ia assentando, os meus dois filhos, como se fosse duas formiguinhas, me levavam de bloco em bloco. É como meu pai dizia, serviço de criança é pouco, mas quem perde é louco. Eu só sei dizer que com os três me ajudando, com 15 dias de trabalho as paredes já estavam fazendo sombra e esta pouca sombra nos animava ainda mais. Neste meio de tempo meu sobrinho João veio de Guarulhos para morar conosco. João era um filho de minha irmã Inês, esse menino, agora já um rapaz, foi criado por meus pais com a minha ajuda, ele mais dois irmãos: o Zezinho e a Rutinha. Quando João chegou e começou a nos ajudar, descansou um pouco as crianças e a Nana, e a casa começou a subir as paredes mais rápidas. Quando chegou o dia de Natal nossa casa já estava em ponto

de cobrir Passamos o dia de Natal na casa de minha irmã e no dia seguinte fomos preparar o madeiramento. Na semana que antecedeu o Ano Novo cobrimos a casa. Nana estava muito contente, afinal a nossa casa estava quase pronta, logo poderíamos mudar e começar ali em Votuporanga a nova etapa da nossa vida.

Existe fato em nossas vidas que não se pode omitir, este fato até pitoresco, eu não posso deixar de narrar a você leitor (a). Quando nós estávamos rebocando a casa, o meu sobrinho João jogava a massa na parede e a massa caía e ele em vez de falar mal, sorria e fazia nós todos rirmos, o outro fato que também marcou nesta construção, foi o nosso almoço, como não tinha jeito pra esquentar as marmitas, eu fazia um fogo com os sacos vazios de cimento e esquentávamos a comida e assava lingüiça cabo de reio, não sei se era a fome só sei que a lingüiça ficava uma delícia. Por volta do dia 16 de janeiro a casa já estava toda rebocada por dentro. Eu e minha Nana já começávamos a pensar na mudança, arrumamos caminhão, gente pra ajudar e marcamos para o dia 20 do mesmo mês a mudança, no dia 25 seria o nosso aniversário de casamento e nós queríamos comemorar em grande estilo, ou seja, já na nossa nova casa.

No dia 20 me levantei bem cedo, chamei minha Nana e as crianças, tomamos café, e quando estávamos terminando o café, chegou o caminhão e os ajudantes que eu havia arrumado, carregamos o caminhão, e partimos para a nossa nova morada, no caminho eu pensava: “bem, a casa está pronta, mas e o meu emprego, será que vou arrumar logo?” Afinal o dinheiro estava acabando e nós ainda tínhamos dívidas, Nana estava cada dia mais gorda... enquanto eu estava perdido em meus pensamentos, Nana me observava.

Ao perceber que eu estava preocupado, fez um carinho em meu rosto e falou:

— Nano, eu sei o que você está pensando, é sobre o trabalho, não é?

— Sim, estou preocupado, não quero que falte nada pra nós.

Mais uma vez ela me deu aquela injeção de ânimo.

— Nano, eu te ajudo. Nós vamos vencer.

Sabe, eu e a minha Nana eramos assim, os problemas apareciam e a gente enfrentava com muito amor, ela me apoiava, eu a apoiava e nós dois apoiávamos os filhos e superávamos os obstáculos da vida e mais uma vez tínhamos certeza que tudo ia ficar numa boa.

Chegamos a nossa nova casa, descarregamos a mudança, fizemos algumas arrumações e fomos descansar, mas antes do descanso, para comemorar a nova casa, nos beijamos e nos amamos. No outro dia, enquanto eu terminava de arrumar as coisas, bateu em minha porta um amigo. Este amigo eu tinha visto ele já fazia muitos anos, na minha infância, como em criança. Quando eu vi que era ele, já fui brincando e chamando pelo apelido, que era Zé da breca. Foi então que ele me disse como tinha me encontrado e o que queria que eu fizesse pra ele. Era o trabalho que eu tanto estava precisando só que era um trabalho que eu nunca havia feito para outras pessoas, expliquei a ele, mas ao ver a casa que eu havia feito, me disse:

— Natal, quem faz uma, faz duas e muito mais. E minha casinha é simples, é uma edícula para minha irmã morar.

Sendo assim, combinamos o preço e lá fui eu trabalhar como pedreiro. Fiquei em casa mais uns dois dias e no terceiro dia, isso no dia 23 de Janeiro, eu e o João começamos a construção. No dia 25 comemoramos nosso aniversário de casamento, João deu pra minha Nana um lenço muito bonito, eu lhe dei flores, as crianças deram muitos abraços em nós dois, assamos uma carninha e assim passamos o dia todos felizes na nova casa. Enquanto eu estava construindo a casa do meu colega, aconteceu algo muito triste pra nós, um certo dia João chegou pra mim no trabalho e me disse:

— Tio, eu estou com muita dor de cabeça.

Eu ainda brinquei com ele:

— João você esta com vontade ir pra casa mais cedo!

— Não tio, está doendo mesmo.

Então eu peguei dinheiro, dei a ele e mandei até a farmácia comprar um remédio, um Melhoral, mas ele entendeu Sonrisal, foi lá tomou, mas ao voltar me disse:

— Tio, eu vou embora, minha cabeça está doendo muito.

— Tudo bem, vá. Amanhã eu passo lá pra te pegar cedinho.

Ele foi pra casa.

O teste que eu havia feito na rádio tinha dado certo e eu já estava trabalhando. Fazia um programa cedo das 5h às 7h e um programa das 17h às 19h, por esta razão, neste dia em que João foi pra casa mais cedo, eu como de costume fui para rádio, fiz o programa, mas antes de ir para casa, passei na casa de minha irmã, onde o João estava ficando. Ele estava deitado e dizia que doía muito a cabeça, como já estava tarde dei a ele um remédio pra acalmar a dor e lhe disse se não passar amanhã vou te levar ao medico... ele deu um sorriso e disse:

— Amanhã eu vou trabalhar, tio. Vou estar bom.

Fui para minha casa, quando cheguei disse para Nana sobre o estado de saúde do João, falei sobre o meu programa... eu estava todo empolgado, não havia ficado parado, desde a mudança estava trabalhando sem parar. Estava cansativo, estava, mas eu estava satisfeito. Nosso pão de cada dia estava garantido. Nana também estava satisfeita, mas um pouco receosa devido o meu serviço na rádio, às vezes ela comentava comigo que tinha medo que eu ficasse famoso e mudasse com ela e meus filhos, mas eu sempre lhe dizia:

— Você e meus filhos são acima de tudo e de todos.

Naquela noite custei pegar no sono, pensando na saúde de meu sobrinho. No outro dia fui fazer o programa, ao terminar fui ver o João. Ele estava chorando muito, disse:

— Tio, a dor aumentou.

Imediatamente falei pra minha irmã:

— Vamos levá-lo ao médico!

E o levei a um medico especialista. Que tristeza! O diagnostico do médico me deixou estarrecido, meu sobrinho tinha um tumor maligno no canal da audição e já estava atingindo o cérebro, precisava fazer uma operação urgente, tinha que ser internado na Santa Casa. Saí do consultório e já fui com ele pra lá. Nana estava no quinto mês de gravidez, eu temia por

ela quando soubesse, mas eu não podia esconder dela um caso tão grave, então fui pra casa e contei a ela e as crianças. João morreu dentro de poucos dias. Nana mais uma vez provou ser a guerreira que era, esteve ao meu lado o tempo todo, firme como uma rocha. O João se foi, mas deixou muita saudades e muitas lembranças boas. Na nossa casa em cada canto em que a gente estava se lembrava dele, tudo era saudades, mas a vida tinha que continuar. Terminei a casa de meu amigo, fiquei trabalhando só na rádio. Como minha audiência aumentava, cada dia eu ia pegando mais anunciantes e dessa maneira meu salário também aumentava. No dia 4 de junho de 1980, Deus nos deu de presente a nossa caçula, Natali. A Claudineia e o Claudinei foram quem deram a ela esse nome, para me prestar uma homenagem e eu gostei, que menina linda, cabeluda, Natali passou a ser a nossa princesinha. Eu fiquei tão feliz com o nascimento da Natali que fiz pra ela uma canção, cuja letra é essa:

Meu Deus como fico contente
Quando eu chego em casa
E vejo o meu pingo de gente
Vim correndo me abraçar a sorrir
Eu me esqueço de tudo, neste segundo.
Sinto-me um rei, sou o dono do mundo.
Porque tenho em meus braços, Nata li.

Nata li, Nata li, meu anjo inocente.
Meu pingo de gente, eu te amo Natali.

Nossa vida naquele momento era só felicidade, minha Nana dia a dia se recuperava, eu e as crianças curtíamos a recém-chegada, o meu programa aumentou ainda mais a audiência, tudo de bom estava acontecendo pra nós. Quando a Natali estava com três meses de vida, outro golpe, minha sogra, que morava em Guarulhos, ficou gravemente doente, pedi licença para o meu patrão e fui às pressas para lá. Minha sogra teve que fazer uma cirurgia e ficou com o intestino pra fora, só poderia recolocá-lo depois de alguns meses, por esta razão, ela ficou internada no hospital e nós voltamos para nossa casa. Minha Nana chorava, sofria muito pensando em sua mãe e eu chorava com ela, afinal dona Fia não era uma sogra, pra mim ela era minha segunda mãe, e era assim que eu a chamava: mãe Fia.

Durante o tempo em que mãe Fia estava internada, dia sim, dia não, eu ligava para saber o estado de saúde dela, isso durou seis meses, no dia 22 de Dezembro de 1980, ao terminar o meu programa da tarde, liguei novamente e as notícias não eram boas, o estado de saúde de minha sogra havia piorado, então eu disse pra minha Nana:

— Você vai ver sua mãe ainda hoje, vamos para casa você arruma as malas e eu vou comprar as passagens.

Mas o meu patrão que ouviu a conversa, disse:

— Não, amigo. A passagem deixa que eu compre.

E assim ele fez, de volta a rádio liguei novamente e veio à confirmação: mãe Fia tinha morrido. Então pensei, se eu disser para Nana ela não vai aguentar ir só com as meninas, infelizmente eu não podia deixar o trabalho naqueles dias, tinha muitas mensagens vendidas e era preciso gravar pra colocar no ar antes do dia de Natal e ainda tinha o programa especial pra ser gravado, então eu não tinha possibilidade de viajar com ela, por esta razão não disse a ela que sua mãe, ou seja, nossa mãe, mãe Fia havia falecido. Levei minha Nana e as duas meninas para rodoviária, logo que o ônibus partiu abracei o meu filho que ficara comigo e nós dois choramos inconformados com a perda de mãe Fia e também porque sabíamos o quanto Nana ia sofrer quando chegasse a Guarulhos e se deparasse com sua mãe sem vida.

Da rodoviária voltei para a emissora e fiz outra ligação. Pedi para meu sobrinho Isael ir buscá-las na rodoviária. No outro dia era o meu aniversário. Nana antes de ir me deu o presente que ela e as crianças tinham comprado para mim, no corre corre dos preparativos da viagem eu não abri para ver o que era, deixei sobre a penteadeira. Dia 23/12/1980 enquanto os meus ouvintes me parabenizavam pela passagem do meu aniversário, eu chorava, porque além de minha Nana não estar ali do meu lado pra ver o quanto eu já era querido na cidade, pensava também na perda de mãe Fia, no sofrimento de minha Nana, das meninas e de todos da família.

Por varias vezes naquele dia tive que parar de falar, deixar rodar musica, porque não podia me controlar, eu sofria, meu garoto sofria, foi o aniversário mais triste de minha vida. Eu tinha tudo e ao mesmo tempo não tinha nada,que sofrimento.

Eu e o meu Claudinei esperávamos que no dia de Natal as coisas estariam melhores, a Nana e as meninas de volta, pelo menos a gente poderia se abraçar desejar um Feliz Natal um para o outro, não teríamos tanta alegria, mas estando juntos tudo era mais fácil. Nana, ao chegar do sepultamento, me ligou e disse:

— Nano, vou amanhã cedo comprar passagem se tiver eu já vou embora, não vejo a hora de te abraçar. Nano quanta falta senti de você, me senti perdida sem teu ombro pra chorar...

Aí fez um silêncio, ela chorou de lá e eu chorei de cá,depois eu disse a ela:

— Força, esquecer não se esquece, mas a dor vai passar, a força do nosso amor será o nosso remédio.

Despedimo-nos e eu fui para casa. A noite do dia 23 foi uma das noites mais longas da minha vida, o meu pensamento estava voltado para Nana, pensava: “será que ela vai conseguir passagem?” A possibilidade de passar o dia de Natal sem a Nana e minhas filhas me tirou o sono. Amanheceu e logo após tomar um café e dar um leite para o Neizinho, fomos para emissora, eu iria gravar as mensagens para o Ano Novo e ao mesmo tempo esperar o telefonema da Nana avisando a hora que ia chegar. Eu não imaginava que iria acontecer o que eu havia pensado durante a noite, mas foi o que aconteceu. Nana me ligou chorando dizendo que só tinha encontrado passagem para o dia 26 a noite. Contra nossa vontade passamos o Natal de 1980 separados.

Caro leitor (a), eu e a minha Nana nos amávamos tanto que bastava um olhar para o outro que já sabíamos o que o outro estava sentindo, alguns membros de nossa família nos criticavam porque onde estava um, estávamos todos juntos só nos separávamos quando era necessário, graças a Deus realmente eu e a Nana mantíamos nossos filhos sempre junto com a gente. O ano de 1980 chegou ao fim, e no ano novo já estávamos unidos novamente. passamos o dia de ano juntos e traçamos as metas para o ano que começava.

No ano de 1981 meu pai e minha mãe, que tinham vindo passar uns tempos em Votuporanga, resolveram voltar para Guarulhos, isso foi no mês de maio, foi meu pai, minha mãe e minha irmã Inês. Eu continuei em Votuporanga e o ano transcorreu as mil maravilhas para nós, todos com saúde, eu e minha Nana nos amando cada vez mais e meus filhos cada dia mais lindos, Néia encantava a todos com seus cabelos cacheados, Claudinei cantava e encantava os ouvintes dos meus programas, Natali agora já com dois anos e meio, já cantava e encantava a todos pela sua beleza.

No dia de Natal deste ano, passamos muito felizes tudo havia corrido bem durante o ano, presentes pra todo mundo, muita alegria, e assim também foi à passagem de ano, só alegria. Começava mais um ano... Meu sucesso na Rádio 8 de Agosto estava cada dia maior, para ser mais claro eu já estava com a metade da audiência da cidade e isso era muito bom, eu disputava a audiência com um renomado locutor, que já estava na mídia há vários anos, esse locutor se chamava Oscarito, muito bem conceituado em Votuporanga, e eu um locutor que havia começado junto com a emissora nova, 50% para mim estava muito bom.

Neste mesmo ano, ou seja, 1982, no mês de setembro recebemos uma notícia não muito agradável, meu pai tinha sofrido um derrame e não estava passando bem, e por esta razão viajamos as pressas para Guarulhos, quando chegamos fui direto ao hospital, meu pai realmente havia sofrido um derrame, mas já estava melhor, enquanto estávamos em visita a meu pai, fomos conhecer a mais nova sobrinha por parte de minha Nana que havia nascido recentemente, a pequenina Manoela, eu disse pequenina porque ela nascera de sete meses e realmente era muito pequena, na época eu mesmo pensei que ele não fosse se criar, mas Deus sabe o que faz e a gente não sabe nem o que diz, Manoela no futuro seria uma pessoa muito importante pra nós. Meu pai estava se recuperando, saiu do hospital e nós voltamos pra casa, continuei em meu trabalho.

Passou mais aquele ano, com meu pai já bem recuperado e meus cunhados Sebastião, Manoel, Quitéria se mudaram para Votuporanga, por esta razão minha Nana ficou mais feliz, parte da sua família estava junto de nós.

Que final de ano! Muita fartura, muita alegria, o Natal e Ano Novo, que maravilha! Mas o que nós não sabíamos é que o ano de 1984 seria muito triste para todos. Já no início do ano, dia seis de janeiro, vem a falecer de repente o nosso querido sobrinho Isael, este sobrinho era um dos mais queridos por mim, por meus filhos e pela minha Nana, enfim acho que por toda a família. Isael era uma pessoa maravilhosa eu o queria como a um filho, não só ele, mas todas as suas irmãs e eles demonstravam que sentiam o mesmo por mim, mais uma vez a vida nos

fez chorar, minha Nana, eu e as crianças sofremos muito, mas como o amor sempre esteve presente em nossas vidas nos unimos com o resto de família, e nós confortamos uns aos outros. Com a morte de Isael, minha cunhada Quitéria e seu esposo Nezinho se mudaram de volta para Guarulhos, isso nos deixou mais tristes, mas se era para o bem deles, tudo bem, voltamos ao nosso dia a dia .

Eu e minha Nana sempre unidos íamos criando nossos filhos da melhor maneira possível, com dificuldades! Sim! Mas com muito amor e muito respeito um pelo outro, nós ensinamos a nossos filhos que a nossa casa era sagrada, brigas, palavrões, discórdias, intrigas, isso não poderia ter entre nós, se houvesse algum desentendimento teria que ser resolvido através de dialogo, Claudinéia já estava uma mocinha, quatorze anos de idade. Claudinei também já estava bem crescidinho, mas continuava fazendo suas artes e gostava muito de cantar, Natali, a bonequinha de casa, agora com quatro anos de idade, Já sonhava ser professora, brincava com sua prima e com os filhos dos vizinhos, sempre ela era a professora,

O final do ano de 1984 foi razoavelmente bom, Natal e Ano Novo as mil maravilhas, sem tristeza e o amor sempre presente em nossas vidas. No ano de 1985 meus pais voltaram a morar em Votuporanga, meu pai já estava andando novamente e resolveu se mudar pra perto de mim, fiquei muito feliz, com eles perto de mim seria uma preocupação a menos pra mim, eu poderia vê-los todos os dias, dar a eles mais apoio e meus filhos poderiam convier com os avós paternos já que a avó materna, a nossa saudosa mãe Fia, havia falecido. Neste ano correu tudo bem para nós, chega o ano de 1986... Que ano!

Este ano foi um ano cheio de tropeços, primeiro perdi o emprego, segundo faleceu um compadre meu e meu padrinho, tudo neste ano para nós estava ruim, menos o nosso amor, nosso querer, nossa união. Meu emprego eu perdi de uma maneira covarde por parte dos meus novos patrões... sim novos patrões. O senhor J. Pereira havia vendido a emissora em que eu trabalhava para montar a Rádio Oito de Dezembro de Jacaré, mas o combinado é que os funcionários permanecessem na empresa, mas os novos patrões não cumpriram o acordo e ainda me fizeram de bobo... Foi uma falta de ética, de respeito e porque não dizer de consideração, afinal eu tinha a maior audiência, era um locutor querido do povo, e porque me aprontaram essa falsidade. (O fato)... sem saber de nada. Certo dia de manhã, enquanto apresentava o meu programa matinal, chegou um casal e começou escolher discos na discoteca, dizendo que era pra gravar uma abertura de um programa, então eu perguntei a meu técnico de som, meu grande amigo Isaias de Ávila, qual o motivo de tanto rebuliço, vai gravar o que, de quem, foi então que ele me disse:

— É, meu amigo. Eles vão te dispensar, este casal veio pra pegar o seu lugar, eles são cupinchas do novo gerente.

Isaias me disse estas palavras, já quase chorando, porque ele e eu éramos amigos irmãos, eu baixei a cabeça, terminei o meu programa e fui saber do gerente o que estava acontecendo, e soube da verdade, o casal iria estreiar no outro dia no meu lugar. No período da tarde vim fiz o meu programa, despedi dos meus ouvintes, dos meus colegas, sem falar nada do acontecido no ar, simplesmente disse que havia sido despedido devido a troca de proprietários, agradei a todos e encerrei o meu programa.

Neste dia ao chegar em casa eu estava muito triste, mas como sempre eu tinha ao meu lado uma guerreira, e ao me ver assim aborrecido me abraçou me beijou e disse:

— Nano, há mal que vem pra bem, levanta a cabeça e vamos pensar que dias melhores virão, quando uma porta se fecha, Deus abre outras duas ou mais pra gente, aguarde e veras.

Até parece que ela estava sabendo o que iria acontecer no outro dia. O senhor Nelson Camargo, que era dono da outra emissora concorrente, Radio Clube de Votuporanga, assim que soube do ocorrido e de como foi o ocorrido, mandou um de seus funcionários ir até a minha casa me buscar pra falar com ele e ali chegando me recebeu de braços aberto dizendo assim:

— E aí, nego? O que ouviu? Mandaram-te embora? O que fizeram com você não se faz, mas não vou deixar você sem emprego, seu lugar aqui na minha rádio está a sua espera é só você aceitar, já começa a trabalhar amanhã.

Me fez uma boa proposta e eu fui trabalhar na Radio Clube. A honestidade, a moral de um homem pra mim é o que mais conta nesta vida, o meu novo patrão me disse após alguns meses em que eu trabalhava com ele que, ele há tempos vinha observando o meu jeito de ser, meu jeito de agir na cidade, e até mesmo ouvindo os comentários dos seus empregados a meu respeito e foi por isso que de imediato, mandara me chamar, que bom, a questão do emprego estava resolvida. Eu voltei pra casa e contei para Nana, ela ficou muito contente e junto agradecemos a Deus por mais essa vitória alcançada. Tem certos nomes que eu não mencionei acho que estas pessoas que eu omiti os nomes não merecem nem ser citadas na minha historia, por serem pessoas que não sabem o que é o respeito e o amor ao próximo, já que minha historia com minha Nana e meus filhos sempre foi vivida com amor.

Fato de tudo isso ter acontecido comigo me fez pensar, que talvez eu pudesse abrir uma firma e trabalhar também em outra atividade, quem sabe assim eu e minha família teríamos mais segurança, e foi pensando assim que comecei uma indústria de artefatos de cimento, meu cunhado Manoel fabricava as placas de cimento no fundo do meu quintal e nós fazíamos muros e casas pré-fabricadas. Mais uma vez eu vi o valor e a força de minha Nana, ela me ajudava em tudo, na fabricação, na colocação, junto com meus filhos, durante as horas em que eu estava no rádio eles resolviam tudo, mas o serviço, ou seja, a fabricação de artefatos de cimento, além de cansativo, era também muito enganoso, muito se gastava e pouco se ganhava, por esta razão decidimos parar com esta atividade.

No final do ano de 1986 fui convidado a trabalhar na campanha política de dois deputados, Edinho Araújo pra estadual e Roberto Rolemborgue pra federal, pedi licença na emissora e junto com minha Nana e meus filhos fomos fazer política. Terminamos o ano bem, nossos candidatos ganharam, ganhamos o nosso dinheiro e eu voltei assim que passou o Natal e o Ano Novo para o meu trabalho na emissora.

Começa o ano de 1988, nós havíamos parado com o artefato de cimento, mas a ideia de ter uma outra atividade continuou, e foi então que decidimos trabalhar com gesso, além de ser mais lucrativo era mais leve, Nana fazia lembranças e eu e meus filhos, junto com meu cunhado Manoel, fabricávamos forro e molduras. Esse ano foi bom para nós, ganhamos dinheiro, não

sofremos tanto, enfim foi um ano de vitória, cheio de amor, carinho e fartura... sim, fartura. Eu e minha Nana sempre pescávamos, nosso freezer sempre estava cheio de peixe e carne, o peixe nós pescávamos e a carne, a cada três meses eu comprava uma novilha, matava e colocava no freezer, tudo estava bom, todos com saúde, meus pais perto de mim, eu só tinha que agradecer a Deus por tudo que ele nos dava.

Chega o ano de 1989, este ano foi um ano bom para nós até o mês de setembro, no mês de outubro voltamos a sofrer uma grande perda, meu pai veio a falecer, foi muito triste para nós, principalmente pra mim que era muito apegado ao meu pai, sofri muito a sua perda, mas mais uma vez contei com o apoio de minha Nana e dos meus filhos, eles me ajudaram a suportar minha dor. Nesta época eu havia me candidatado a vereador de Votuporanga, estava em plena campanha quando meu pai faleceu, foi um golpe muito doido pra mim, pensei em desistir, mas fui até o fim, não fui vitorioso, mas tentei.

Durante a minha campanha pude conhecer melhor a cidade em que eu morava, as pessoas, por esta razão eu acho que valeu a pena ter tentado. Chega o final do ano, dia de Natal sem meu pai, não foi um dia de Natal alegre como queríamos que fosse, mas estávamos juntos e isso pra nós era importante, ano novo, vida nova, vamos em frente, esse era o nosso lema .

Ano de 1990, começa o ano tudo as mil maravilhas, muito trabalho, muitos passeios pelo sítio, muita pescaria, é a roda da vida girando, mas no mês de abril, novamente fui surpreendido pela tristeza, minha mãe faleceu, aí quase que pirei. Primeiro meu pai, agora minha mãe, fiquei muito abalado, mas mais uma vez o meu remédio veio do carinho e o amor de minha Nana e meus filhos. No final deste ano fui novamente chamado pra trabalhar na política, aceitei, meus candidatos ganharam, e apesar da tristeza pela perda de minha mãe, tivemos um fim de ano bom.

Na passagem de ano aconteceu algo que iria mudar totalmente o rumo de nossas vidas, a Claudinéia, foi passar o dia de ano em Santa Bárbara do Oeste, o Claudinei estava cantando em São José do Rio Preto e isso nos deixou um pouco tristes, afinal nunca havia acontecido. Eu, Nana e Natali, estávamos assistindo a virada do ano pela TV Globo e neste ano foi o ano do “tente faça algo diferente” e essas palavras nos fizeram pensar em uma possível mudança... Sim uma mudança radical, venderíamos a nossa casa, a casa em que moravam meus pais e mudaríamos para Santa Bárbara.

No dia dois de janeiro de 1991 fiz uma placa de venda, coloquei em frente a minha casa e logo começou a aparecer comprador, dentro de dois meses vendemos as duas casas, logo em seguida mudamos. Que mudança. Não deu nada certo pra nós, não encontrei casa pra comprar, nem trabalho e ainda por cima eu e minha Nana ficamos muito doentes, estranhamos o clima, dois meses com problemas respiratórios, as promessas de emprego que eu e minha filha tínhamos foram se esgotando, após seis meses de angústia, sem emprego, doença, entrei em depressão, eu dizia que já estava velho, achava que ia morrer, mas mais uma vez estava presente a minha Nana, ela fez de tudo pra me tirar daquela depressão, com seu jeito meigo, carinhoso me fez ver que eu estava errado, até que um dia resolvi tomar uma atitude, liguei para

o Claudinei, pedi a ele para ver um terreno pra gente comprar e uma casa pra alugar em São José do Rio Preto, passado alguns dias viajei para Rio Preto, acertei os detalhes e nos mudamos. Outra cidade, outra casa, novos sonhos e foi assim que começamos a nossa vida nesta nova cidade, não foi fácil não, nós não conhecíamos ninguém, nem mesmo a cidade, mas por ser perto de Votuporanga, comecei a comprar queijo na região e vender nas oficinas de Rio Preto, com isso consegui sair de vez daquela depressão e o pouco que ganhava pagava o aluguel e parte do nosso sustento.

A minha Nana me ajudava em tudo, me incentivando, me amando cada vez mais, cuidando de nossos filhos, e isso me dava forças para lutar e sonhar com um futuro melhor. Quando eu vim para acertar a casa para alugar, também comprei um terreno, mas estava sem condições para construir e por isso a situação cada dia ia ficando mais apertada. Mas o nosso DEUS é muito bom e em uma noite eu tive um sonho e acreditei nele.

Sonhei que eu tinha duas fazendas e no sonho decidi vender uma e construir na outra e depois de certo tempo eu compraria a outra, quando acordei contei a minha Nana o meu sonho, ela sorriu e me disse:

— Nano... mas você não tem fazenda nenhuma.

Eu concordei com ela, sorrimos muito e eu fui até a rua, me sentei na calçada e fiquei a pensar no sonho e foi aí que me veio à ideia de vender metade do meu terreno, com o dinheiro eu me desapertava, pagava as dívidas e quem sabe assim eu pudesse começar a construir, todo eufórico entrei pra dentro, abracei minha Nana, dei-lhe um beijo e depois disse a ela :

— Nana, eu tenho duas fazendas! Duas fazendas!

— Duas fazendas?

— O nosso terreno é as duas fazendas do meu sonho, nós vendemos à metade e construímos na outra metade.

Ela coçou a cabeça e depois me disse:

— Nano, será que vai dar certo?

— Se vai dar certo eu não sei, Nana, mas vale a pena tentar, basta você concordar que eu faço a placa de venda e vou colocar lá no terreno.

Ela me abraçou e disse:

— Você sempre pensou no nosso bem e se for para o nosso bem, faça o que você achar melhor.

E assim foi feito, coloquei a placa no mesmo dia e dentro de dois meses vendi metade do nosso terreno. Mudamo-nos no mês de setembro e eu vendi metade do terreno no mês de dezembro, foi uma benção de Deus, fiz uma boa compra pra casa, passamos o Natal e Ano Novo com muita fartura, pagamos o que devíamos e começamos o ano de 1993 com mais esperança.

No mês de março apareceu um emprego pra mim em uma emissora, mas infelizmente as pessoas não eram honestas e não me pagaram, por esta razão deixei o trabalho, afinal eu estava nesta cidade para vencer, não para ser vencido, explorado, decidi partir pra outra, trabalhei um mês como vendedor de medicamentos veterinários, não deu certo, foi aí que Deus colocou

mais uma vez um anjo em nossas vidas. Este anjo se chama Vanda. Ela tinha uma padaria e produzia pães pra servir café da manhã nas firmas de construção civil, fui trabalhar com ela como motorista para fazer entregas, meu horário era das vinte e uma horas às oito horas da manhã, durante seis meses trabalhei na entrega depois passei a fazer o lanche que era pão com manteiga e leite com chocolate. Ao mesmo tempo em que eu trabalhava neste serviço eu planejava a minha construção. Certo dia um vizinho, em conversa comigo me disse:

— Natal você quer construir, não quer?

— Seu Romão é o que eu mais quero!

Foi então que ele me orientou sobre tijolos de oito furos que ele catava no lixo da construção civil, como eu trabalhava a noite, passei a sair com ele durante dia para catar tijolos, ele apenas me ensinou o caminho, depois de um mês ele desistiu e eu continuei, chegava de manhã, dormia um pouco e depois lá ia eu para o lixão, muitos que me conheciam, ao passar pelo lixão me criticavam, me humilhavam, mas eu nem ligava, fazia de conta que nem era comigo.

Um dia, ao chegar em casa, minha Nana não estava lá, ela já tinha ido para o lixão, neste dia eu nem dormi, fui imediatamente pra lá, chegando lá encontrei minha Nana em frente a uma pilha enorme de tijolos que ela já tinha juntado, foi então que ela me disse:

— Nano, eu estava varrendo a calçada e vi o caminhão passar carregado de tijolos e eu vim pra cá ajuntar pra você.

Trabalhamos ali juntando tijolos até às 12h, depois eu peguei uma Belina velha que eu tinha e puxei tudo pra casa, naquele dia conseguimos um mil tijolos pó de mico, mais algumas barras de ferro. Depois de tudo isso fui dormir, pois afinal eu teria que ir para a padaria logo mais, naquela noite trabalhei cansado, mas muito satisfeito. Quando cheguei em casa minha Nana me disse:

— Nano, eu vi passar outro caminhão de tijolos, você descansa um pouco e eu vou pra lá.

Eu não queria, mas ela me convenceu que eu precisava descansar. Fui descansar e ela foi a luta. Depois de descansar mais ou menos três horas me dirigi para o lixão. A minha Nana já estava com uma pilha de tijolos ainda maior do que a do outro dia, ela havia pago uns garotos para ajudá-la para que eu só transportasse depois e foi o que eu fiz. Neste dia foram mais 1.500 tijolos e foi assim durante vários dias. Quando jogavam fora as colunas de ferro eu levava a serrinha, cortava os ferros e arrastava pra casa. Nós conseguimos mais de 5.000 tijolos e mais de 6 kg de ferro, a nossa casa estava começando a ser construída, bem, pelo menos os tijolos e o ferro já estavam garantidos.

A Vanda, minha patroa, me dava o pão, o leite e também às sobras de leite com chocolate das garrafas, essa sobra a minha Nana fazia juju, em muitos lugares conhecido como gelinho, sacolé etc., na nossa região é juju. Nana vendia os jujus para ajudar no orçamento da casa. Trabalhando na padaria, aprendi a fazer pão, bolos, doces e também conheci melhor a cidade, trabalhei com a Vanda dois anos, mas como ela não podia me registrar, entramos em um acordo e ela me dispensou.

Você se lembra das duas fazendas, ou seja, do sonho das duas fazendas, tinha chegado a hora de comprar a fazenda vendida, a outra metade do terreno, foi o que eu fiz procurei o rapaz que havia comprado fiz a ele a proposta, ele aceitou e eu comprei de novo a metade do terreno.

Nessas alturas já estávamos em 1994, eu e minha Nana neste ano estávamos completando 25 anos de casado (bodas de prata) para comemorar fizemos somente um churrasquinho para a família. Eu e a Nana comemoramos nos amando muito e eu prometi que faria tudo para que ela tivesse mais conforto em nossa casa, que em breve eu iria construir.

No mês de março conheci um amigo que frequentava o barzinho onde o meu filho cantava e ele me arrumou trabalho na portaria da Cosvél, uma revendedora de veículos Ford, trabalhando nesta firma eu tinha um salário razoável, cesta básica, e isso já foi o bastante para estabilizar ainda mais a nossa vida. Nana ficou feliz por eu ter arrumado um novo emprego, agora registrado, plano de saúde, enfim tinha todos os direitos trabalhistas garantidos.

Meu patrão, um homem alto, forte, se chamava José Costantine. O sr. José sempre foi um bom patrão, tinha um coração maior que ele, sempre estava com os empregados e por esta razão todos trabalhavam satisfeitos na sua empresa. Eu agradecia a Deus todos os dias por mais esta benção concedida a nós por ele.

Bem tudo estava muito bom, agora vamos pensar na construção. Com o pouco que eu ganhava fui comprando materiais que podiam ser estocados como porta, janela, conduites, etc., nos fins de semanas e feriados eu e minha Nana atacávamos na construção, eu de pedreiro e ela de servente. Demoramos um ano e seis meses com esta construção, mas finalmente consegui colocar a laje. O nosso contrato de aluguel já estava vencendo e por esta razão nós tínhamos pressa de pelo menos deixar a casa no jeito para mudarmos e foi o que fizemos, rebocamos por dentro, colocamos portas janelas e no dia 12 de agosto de 1996 mudamos para a nossa casa.

Eu me lembro emocionado que o primeiro almoço em nossa nova casa aconteceu algo que me marcou profundamente. Minha Nana, depois de ter feito o almoço, colocou na mesa e enquanto aguardávamos ela pra fazer a oração de agradecimento a Deus, ela pediu licença e foi lavar as mãos e voltou chorando. Me levantei rapidamente, corri ao seu encontro lhe abracei.

— Nana, que houve?

— Nano, estou chorando de felicidade. Nós lutamos, sofremos, mas estamos vencendo, eu fiquei muito emocionada, Nano, quando abri a torneira,vi a água jorrando... Pensei: fui eu e meu Nano que fizemos tudo isso!

Confesso que ao ouvir ela falar assim também não me contive e chorei... chorei por saber que minha Nana estava feliz... chorei por saber que apesar da simplicidade da casa, minha Nana tinha gostado. Dei-lhe um beijo e felizes junto com os nossos três filhos, uma nora e uma neta.O Claudinei tinha se casado uns meses antes e já tinha uma filha. Claudinéia estava noiva e a Natali... bem a Natali já estava de paquerinha.

Eu e minha Nana estávamos felizes, nosso amor se renovava a cada dia, apesar de olharmos um para o outro e ver que nós estávamos envelhecendo, isso não importava para nós, o importante é que nós nos amávamos.

Tudo corria bem em nossa vida, mas novamente tínhamos que passar por mais uma prova, Claudinéia ficou gravemente doente, foi aquele corre, mas passou e novamente a alegria voltou a reinar em minha casa. Logo Claudinéia casou-se com Mario, foi um festão. Mario era um bom moço, por ele não ter mais seu pai, passou a me tratar como pai e eu a ele como um filho e assim foi até o triste dia em que Mario ficou doente. Mario pouco tempo durou, veio a falecer, nós sofremos muito, sofremos a perda do Mario e sofremos por ver a Claudinéia sofrer. Minha Nana foi a que mais se abateu ao sentir a perda do genro e ver o sofrimento da filha, eu procurava de toda maneira reconfortar as duas, mas às vezes não conseguia, chorava abraçado a elas. A minha nora Sirlei havia ganhado mais um filho, Vitor chegou para ajudar amenizar a dor da perda.

Mas uma vez ficou provado que a família unida tem muito mais força para vencer os obstáculos da vida. Eu e minha Nana começamos a cuidar mais de Claudinéia, a Natali estava terminando o seu curso no CEFAN, afinal o que ela sempre quis era ser professora. Gabrieli, minha neta, estava completando dois anos, foi quando a Natali começou a namorar com André, os dois nos prometeram que só se casariam após se formarem, eu e a Nana concordamos com o namoro, a Natali arrumou um namorado e nós mais um filho. Depois da forte tempestade, a nossa vida voltou a ser como antes, fim de semana churrasquinho eu e minha Nana sempre pescando, passeando e sempre se amando.

No ano de dois mil, Claudinei se desentendeu com sua mulher e se separaram. Claudineia arrumou um companheiro e se mudou para Santa Bárbara do Oeste. Minha Nana e eu ficamos tristes, mas o que nós queríamos era a felicidade dela e se era isso que ela queria, pra nós era o que importava. Natali se formou no CEFAN e foi trabalhar em uma loja de calçados, mas a sua meta era fazer faculdade e lecionar, logo ela deixou de trabalhar na loja e foi trabalhar na firma em que o André trabalhava, entrou na faculdade, passou a trabalhar e estudar, em nossa casa só vivíamos em três: Natali, além de pagar seu estudo ainda me ajudava em casa, eu e minha Nana estávamos satisfeitos tanto com a filha como com o futuro genro, realmente eles estavam cumprindo o combinado, se preparando para depois se casarem.

O ano de 2001 não foi um ano bom para nós, foi nesse ano que começou o nosso sofrimento, no mês de maio, eu e minha Nana fomos pescar e passamos três dias em um rancho na beira do rio, que maravilha! Minha Nana parecia uma menina, cada peixe que tirava da rede ou que ela pegava com a vara de pescar, ela brincava, sorria, me provocava, como ela se sentia feliz quando pescava, eu me sentia o homem mais feliz do mundo, além de gostar de pescar eu tinha a meu lado a minha mulher amada, a mãe dos meus filhos, minha amiga e minha companheira.

Para nós os anos não haviam passado, nos amávamos como dois adolescentes. Na volta daquela pescaria, eu e minha Nana felizes, pegamos muitos peixes, nos divertimos, recarregamos as nossas baterias para enfrentar de novo o nosso dia a dia, nem ela, nem eu podíamos imaginar que ao chegar em casa a tristeza ia bater em nossa porta...

Mas infelizmente foi o que aconteceu, minha Nana, assim que chegamos em casa, me ajudou a descarregar o carro e o barco e se dirigiu para o banheiro, foi tomar o seu banho, deixou minha roupa sobre a cama, e me disse:

— Nano! Vou tomar banho depois você toma o teu enquanto eu preparo algo pra comermos.

Ela já estava se trocando no quarto quando entrei para pegar minha roupa para ir para o banho, no momento em que ela foi colocar a blusa ela ergueu o braço e eu vi uma mancha roxa embaixo do seu braço esquerdo, a mancha estava localizada em sua axila esquerda, julgando ser uma batida que havia ficado roxo, eu disse a ela:

— Nana, que mancha é essa?

Ela correu para o espelho e ao ver a mancha apalpou em cima e aí me disse espantada:

— Nano! Não é uma simples mancha, é um caroço.

A partir daí, Nana já ficou triste, chorou, eu procurei acalmá-la, mas também fiquei preocupado. No outro dia, assim que amanheceu, Nana foi procurar a sua médica e ela pediu uma mamografia, mas que fosse feita com a máxima urgência. Nana sempre foi muito cuidadosa com sua saúde, fazia os seus exames preventivos constantemente desde que nos casamos ela jamais deixou de fazê-los, mas aquele nódulo não tinha sido acusado no último exame, devido não ser na mama e sim na axila, o resultado da mamografia foi positivo, restava agora fazer a biópsia para saber se era benigno ou maligno. A doutora marcou a operação, e no dia 11 de julho de 2001 eu fui com ela para o hospital e ela fez a retirada do nódulo, que foi para o laboratório.

Durante um mês minha Nana ficou impaciente a espera do resultado, todo o dia ia até o posto de saúde fazer curativo na operação, mas o que mais a intrigava é que o corte não cicatrizava, com isso ela sofria ainda mais, passados os trinta dias, eu e ela retornamos ao hospital e aí veio o triste diagnóstico, minha Nana estava com câncer.

Depois desse dia ela entrou em desespero, teria que fazer outra operação e desta vez seria mais complicada, os médicos disseram que tinha sido até bom que a outra operação não tivesse cicatrizado, porque teria que fazer outra no mesmo lugar. A operação foi marcada para o dia 18 de agosto 2001. Enquanto aguardava o dia da operação, Nana ficou muito triste, deprimida e às vezes me dizia coisas que eu não queria ouvir, mas eu relevava tudo, procurando não fazê-la sofrer ainda mais e toda vez que ela se queixava de alguma dor, eu me lembrava do sonho, que eu havia tido há muitos anos.

Por esta razão saía de perto dela e chorava, meus filhos até então não sabiam a gravidade da enfermidade de sua mãe. No dia 18 de agosto, o dia da operação, levantei bem cedo, preparei o café, dei um beijo em minha Nana e fui para o trabalho, o dia inteiro trabalhei preocupado. Minhas filhas que a levaram para o hospital, a operação deu início às 15h e terminou às 19h, 4hs de muita angústia. Ao terminar a operação, falei com a Doutora e ela me disse que estava tudo bem, mas que eu só poderia vê-la no outro dia. Eu e minhas filhas voltamos para casa e no outro dia voltamos ao hospital e já encontramos minha Nana bem melhor, já estava conversando, porém reclamava de muita dor no lugar da operação. Em poucos dias, Nana saiu do hospital, a sua recuperação até que não foi demorada, logo cicatrizou, as dores acabaram, somente a depressão que ainda estava atormentando, mas Nana era guerreira, e me dizia:

— Nano, não fique preocupado. Eu vou sarar e nós vamos passear muito, vamos pescar, vamos à praia vamos nos amar ainda mais.

Passado alguns dias, Nana começou a fazer radioterapia, outra etapa dolorosa. Três vezes por semana eu a levava na Santa Casa para fazer a radioterapia. Natali trabalhava estudava e ajudava a cuidar da casa e eu continuava na Cosvel veículos. A Claudineia, ao ver que a sua mãe estava doente, veio morar em nossa casa com o Sergio. Um pouco antes da vinda deles para minha casa, fui mandado embora da firma, infelizmente os meus chefes não entenderam o que eu estava passando e nem procuraram entender, afinal o que interessava para a firma era o meu trabalho. Como comecei atrasar e até faltar para cuidar de minha esposa, eles me despediram.

Foi mais um golpe pra mim, mas Deus sabe o que faz, passei a me dedicar mais ao tratamento de minha Nana. O Claudinei levava a sua vida, cantando, namorando e cuidando dos filhos até que um dia se casou de novo, agora sua mulher passou a ser a Talita.

Nana terminou a radioterapia e começou a etapa de quimioterapia, uma vez por mês eu a levava ao hospital de base para fazer o tratamento. A primeira vez que ela fez a quimioterapia, após dois dias deu uma crise nela que eu pensei que ela ia morrer, me lembrei do sonho, me desesperei, chamei a Claudineia e disse:

— Filha, sua mãe está morrendo!

E não contive meu pranto, mas a Claudineia me abraçou e disse:

— Não pai. Isso é reação do remédio, vai passar.

Mas eu por ter o mal fadado sonho na cabeça não pensava assim, afinal eu nunca tinha visto minha Nana tão frágil assim. Felizmente passou o efeito do remédio (VENENO)...sim veneno, porque a quimioterapia não passa de um veneno, ela combate a doença e abate o paciente. Este final de ano para nós não foi nada fácil, Nana doente e eu desempregado, quanto sofrer, mas a vida estava seguindo o seu curso.

Chegou o ano de 2002. No dia 25 de janeiro, dia do meu aniversário de casamento, não teve festa. Nos reunimos em casa, fizemos um almoço, minha Nana estava bem linda como sempre. Porque apesar do sofrimento, minha Nana para mim sempre foi e sempre será uma rainha e foi por esta razão que prestei esta homenagem a ela neste dia, escrevi um poema, gravei em um CD e dei a ela de presente .

Poema – Minha Heroína escrito em 25/de janeiro de 2002

Minha rainha por eu ser seu rei
Desço do meu trono pra te reverenciar
Você merece todas as honrarias
És soberana em nosso humilde lar
Bem digo o instante que te conheci
A forte magia de um simples olhar
Fez meu coração se apaixonar por ti
E seu coração por mim se apaixonar

Depois de alguns meses
Desse nosso encontro;
Realizamos nossa união;
A frente do altar;
Aos pés do senhor;
Selamos num beijo;
A nossa paixão;
Passamos a viver sob o mesmo teto;
Dois corpos unidos, num só coração.

Me destes três filhos;
Dos quais me orgulho;
Porque os criaste com dedicação
Resignada seguiste meus passos;
Dando-me apoio e compreensão
Quando tropecei, não me deixaste cair.
Segurou bem firme em minha mão
Quando errei você me aconselhou
Mesmo magoada, me deste o perdão.
Por esta razão és a minha heroína
Que conheci ainda menina.
Tal qual uma rosa em botão
Apesar dos anos que já se passaram
Ainda sinto por ti, a mesma paixão.

Nas horas alegres , sorrimos juntos
Nas horas de dor choramos abraçados
Trinta e dois anos ,faz a nossa paixão
E ainda somos dois enamorados
Nossos cabelos brancos
E nossas faces enrugadas
Mostra-nos que nem sentimos
Que o tempo passou
O que é o tempo, se todo o tempo
Eu te amei e você me amou

Esta homenagem que fiz para minha Nana deu a ela mais força pra lutar. No dia 26, logo de manhã, ela me acordou e me disse:

— Nano, vou lutar ainda mais pra vencer esta doença, você me ajuda?

Eu a abracei e disse:

— Claro, Nana! Eu estou a seu lado e ao seu lado vou estar sempre. Por nada te deixarei. Vamos lutar ,e pedir a Deus que nos ajude.

E assim mais unidos do que antes passamos a lutar . Arrumei umas tábuas, um auto falante e comecei a fazer propaganda de rua, não ganhava muito, mas o pouco que ganhava dava pra gente ir tocando a vida. Natali me ajudava e com isso sobrava tempo pra eu cuidar mais de minha Nana, mas a cada sessão de quimioterapia, Nana quase que morria. Nessas ocasiões eu sofria ainda mais, porque ela me chamava, segurava em minha mão e dizia:

— Nano eu estou indo embora.

Aquilo me feria tanto por dentro, porque além de sofrer por vê-la sofrendo, eu me lembrava daquele sonho, por esta razão eu a deixava e chorava as escondidas.

No final de 2003, Nana recebeu uma boa noticia dos médicos: o seu mal estava controlado e ela não precisava mais aplicar nas veias a quimioterapia... Ah... isso pra nós foi uma grande vitória, ela iria só tomar uns comprimidos e fazer os exames de três em três meses. Eu e meus filhos respiramos aliviados, afinal ela não estava curada, mas pelo menos estava melhor e não era mais preciso sofrer o efeito dos medicamentos. Naquele ano minha Nana foi à praia, foi ela e minha filha Claudinéia, ela voltou radiante, parecia uma criança do tanto que falava, ela fez questão de me narrar tudo o que tinha acontecido e em meio a sua narração ela dizia:

— Nano, o ano que vem você tem que ir comigo, eu quero correr de mãos dadas com você na praia, quero pescar siri, eu quero te dar um beijo dentro do mar.

Nana, apesar de enérgica, firme no que falava, também era muito romântica e sonhadora e isso me prendia ainda mais a ela. De tanto ela me pedir, resolvi programar para ir com ela na praia, naquele ano nós pouco saímos pra pescar, tudo pra economizar para irmos para a praia.

Durante toda nossa vida eu e minha Nana sempre gostamos de plantar flores, a nossa casa era um verdadeiro jardim e eu gostava quando ela me dizia:

— Nano, vamos cuidar das flores.

Eu fazia os vasos e ela fazia suas mudas, enquanto isso a gente falava de pescaria, dos nossos filhos, falava de Deus, nas Suas maravilhas, o quanto era bonita a natureza. Nana não tinha coragem de jogar uma mudinha fora, ela queria replantar tudo, ela tinha o maior orgulho quando as suas flores ficavam bonitas, floridas, a cada flor que desabrochava ela me chamava para ver, quanta sensibilidade!

E nesse período em que a gente se preparava para ir à praia, Nana estava radiante, quase todos os dias ela me dizia:

— Nano, como vai ser lindo nós dois na praia.

Nana estava bem, não sentia dores, fazia quase todos seus trabalhos em casa, eu a ajudava é claro, torcia roupa pra ela, passava pano no chão e outras coisinhas mais... O ano foi passando, tudo corria as mil maravilhas, no final do ano o eu futuro genro, André, se formou na academia, Barro Branco, eu não pude comparecer, mas fiz questão que minha Nana fosse, voltou como sempre radiante feliz da vida.

Eu já ia me esquecendo, Natali havia se formado em 2003, foi um festão, baile de formatura, jantar, culto na igreja, que maravilha, em todas as festividades, lá estava eu e minha Nana, e ela firme e forte, bem logo após a formatura do André eles marcaram o noivado e o casamento...

O noivado! Este noivado passou pra historia, foi um noivado diferente, foi feito uma festa junina. Onde o André se vestiu de noiva e a Natali de noivo, todos os convidados se vestiram de caipira, os comes e bebes, pipoca, quentão, vinho quente, paçoca, enfim tudo o que tem direito uma festa junina, seu Sergio e a família vieram de Santa Bárbara, foi aquele festão, minha Nana estava a caipira mais linda da festa... Bem, pelo menos para mim. O casamento foi marcado para dia 29 de abril de 2006.

O tempo passou e chegou o grande dia, eu e minha Nana finalmente viajamos para o litoral, cidade de Mongaguá, fui eu, Nana, Natali, Claudineia e a Vanessa, fomos a uma excursão, que a nossa vizinha Adriana programou, que viagem linda! Todos sorrindo felizes, minha Nana toda satisfeita e eu mais ainda, afinal estava realizando um sonho, iria conhecer a praia, ver o mar e ao mesmo tempo realizar o desejo de Nana, correr com ela na praia, pescar os siris que ela tanto queria e dar-lhe não só um beijo, mas muitos beijos, tendo o mar como testemunha.

Viajamos durante seis horas, chegamos a Santos ao amanhecer, Nana me mostrava tudo, os abismos, as serras, tudo que ela achava bonito, perigoso, interessante, ela me mostrava, infelizmente ao chegarmos, a pousada onde ficamos estava chovendo, nada de sol, tomamos café e que café! Com tudo que se tinha direito, depois foi para o quarto, nos trocamos e mesmo com tempo nublado, sem sol, fomos para a praia. Ventava muito, o mar estava agitado, poucos se atreviam a entrar na água. Eu e minha Nana começamos a caminhar na praia, catando mariscos e alguns siris, de vez em quando, nos beijávamos, eu sei que muitos que viam os nossos beijos não compreendiam a razão de tanta felicidade, somente eu e minha Nana sabíamos o quanto nos amávamos. O tempo não melhorava, cada vez mais ficava fechado, minha Nana se preocupava, afinal ela queria que eu aproveitasse ao máximo o mar, mas para mim o mais importante era estar ali ao lado dela, vendo ela feliz, sorrindo. Para satisfazer mais um dos seus desejos, liguei para um colega nosso, que morava em outra praia, e ele me disse que lá estava sol. Quando disse a ele que estava chovendo, ele veio nos buscar de carro para sua casa, realmente lá estava um sol maravilhoso, passamos o resto do dia com ele, posamos em sua casa e no outro dia voltamos para a pousada. Marcos e a Vilma, sua mulher, são pessoas simples que nós amamos muito, por esta razão foi um grande prazer ter passado aquelas horas com eles. Passamos o sábado praticamente dormindo, chovia muito, à noite fomos dar umas voltas pra conhecer um pouco mais a cidade, mas voltamos logo, ventava muito e fazia frio, nos agasalhamos e fomos dormir. No outro dia, o sol veio pra nos presentear com um lindo dia, tomamos café e fomos pra praia, minha Nana parecia uma criança, corria, pulava sobre as ondas, foi um dia maravilhoso, ao cair da tarde nos preparamos para a volta... e que volta, ficamos presos no engarrafamento da serra durante 6h, todos estavam cansados, uns dormiam outros assistiam filme, mas ninguém reclamava, apesar de tudo valeu a pena. Por volta das quatro horas da manhã chegamos em

casa. Que passeio inesquecível... O ano de 2004 chegou ao fim, passamos o Natal e Ano Novo em casa. Natali enfeitou a árvore, comprou presente para todos, fizemos até um amigo secreto. Na passagem de ano passamos na casa do André, cantamos, dançamos, bem, só alegria.

Começo de 2005 tudo volta ao normal. O Sergio, marido da Claudineia, abriu uma firma e passou a me dar trabalho, eu e ele viajavamos para as cidades vizinhas para fazer manutenção em tornos mecânicos e nos fins de semana eu fazia propaganda de rua e ajudava na limpeza de casa, tinha final de semana que íamos pescar.

Um pouco antes da nossa viagem a praia veio morar em minha casa o Junior, filho de um sobrinho meu, neste período, ele fazia companhia a minha Nana. Junior era um garoto muito bom apesar de ser praticamente criado na rua, era obediente, nós gostávamos muito dele.

No mês de fevereiro, no carnaval, eu e minha Nana resolvemos ir pescar em Santa Clara, na casa de uns grandes amigos nossos, o José e a Zilda, passamos o carnaval pescando, minha Nana, eu, o Junior, pegamos bastante peixe, nadamos, eu me lembro que minha Nana, como sempre, brincava cheia de vida, sorria bastante. Ah, que felicidade, momentos que jamais serão apagados de minha mente. Voltamos pra casa os três na maior alegria, afinal tudo tinha dado certo. Depois desta pescaria inesquecível voltamos a nossa rotina e os meses foram passando.

No mês de julho o pai do Junior veio buscá-lo, nós ficamos muito tristes, Junior já havia se tornado parte de nossa vida, minha Nana e eu choramos muito em sua partida, mas ele tinha um pai e era justo que o pai o criasse. O resto do ano de 2004 correu tudo normal, Nana sempre tendo acompanhamento médico, fazendo seus exames conforme a determinação médica. No dia 25 de dezembro, dia de Natal, passamos em casa e o Ano Novo também, foi um final de ano muito bom todos felizes.

Começa o ano de 2005, eu no meu trabalho, Natali trabalhando e se preparando para o casamento, tudo estava muito bem, no mês de setembro, Manoela veio morar em casa, Natali arrumou pra ela trabalho onde ela trabalhava, as duas saíam pela manhã e voltavam à tarde, a vida ia seguindo o seu curso, eu e a minha Nana cada vez mais unidos e se amando muito.

No mês de novembro, minha Nana, Natali, Manoela, Vanessa, Claudineia, foram às Termas dos Laranjais em Olímpia, novamente minha Nana se divertiu muito e assim como tudo que ela fazia que via que era bom, queria que eu fosse, ou que eu fizesse, por esta razão logo que chegou me disse:

— Da próxima vez você tem que ir comigo!

Então combinamos que na próxima vez eu iria. No dia de Natal fomos passar na casa do meu cunhado, Manoel, passamos a noite lá, almoçamos e depois voltamos para casa, no Ano Novo, passamos na casa do André, foi tudo muito bom, vimos os fogos, brincamos bastante, nos abraçamos, dançamos, passamos uma noite de ano maravilhosa. O almoço foi em casa, adeus ano velho, feliz ano novo... sim essa foi a musica que todos nós cantamos e desejamos a todos, mas será que o ano seria bom? Seríamos felizes? E isso só Deus que sabia.

Começa o ano de 2006, passa janeiro, em fevereiro a Nana voltou ao médico, fui com ela e foi aí que recebemos a péssima notícia... A doença tinha voltado, minha Nana tinha que

voltar a fazer tratamento. Ficamos desesperados, abraçados dentro do carro choramos muito, mas como sempre minha guerreira me falou:

— Nano, vou lutar, vou procurar vencer mais esta batalha.

Ao chegar em casa comunicamos a nossos filhos o que os médicos tinham falado e nos unimos para mais essa batalha. Natali estava na reta final dos preparativos para seu casamento, o André já estava trabalhando em Campinas, tudo estava certo para o casamento que seria dia 29 de abril, eu cada dia mais preocupado com o estado de saúde de minha Nana, apesar de ver ela com toda aquela força, eu notava que ela também se preocupava, ela sempre me falava:

— Nano, eu sei que você sabe muita coisa, faz muitas coisas em casa, mas o que você não sabe procura aprender!

Isso para mim era um sinal de que ela estava pressentindo alguma coisa, em março eu retornei com ela ao médico e os resultados dos novos exames confirmaram, minha Nana tinha que se submeter a mais um tratamento, mas os médicos disseram que desta vez não seria injetável, eles passariam um medicamento para que ela tomasse em casa...

Até então tudo estava bem, eu pensei: “quem sabe este tratamento não maltrate tanto minha Nana”.

Nana começou seu novo tratamento, se não estou enganado, dia 4 de abril, na primeira semana, ela começou a passar mal e isso começou a me preocupar, mas as meninas (Claudineia, Natali) elas diziam:

— Pai, não se preocupe. Isso é reação do tratamento.

Mas minha Nana cada dia mais ficava fraca, foi então que resolvi levá-la ao hospital, minha Nana ficou dois dias internada, os médicos também disseram que era reação dos remédios, Nana voltou pra casa, mas seu estado não era bom. Vendo que não estava boa, no outro dia ela me pediu que eu a levasse de volta ao hospital, os comprimidos haviam queimado ela por dentro, sua boca ficou em carne viva, seu rosto se desfigurou com manchas escuras e sua barriga cresceu que parecia que minha Nana ia ganhar nenê. A equipe medica que cuidava dela entrou em desespero. Dr. Marcos passou a dar toda atenção a ela, mas um dia chegou pra minha filha e disse:

— Olha, vou te dizer a verdade, eu não sei mais o que vou fazer... Nós vamos tentar, mas o caso dela está difícil.

Aquela palavras pra nós foi como uma bomba, aquele clima de festa do casamento se transformou em um pesadelo. Natali se desesperou vendo sua mãe ali nas ultimas, tendo que cuidar da casa, cuidar de suas coisas e ainda na incerteza se casaria ou não, porque ela sempre dizia que com sua mãe no hospital não teria casamento. Os dias se passavam e minha Nana nada de melhorar... que agonia! Eu não sabia o que fazer, não tinha como trabalhar, aquele sonho me passava a todo instante em minha mente e eu pensava: “o que vou fazer sem minha Nana?” e as vezes, não podendo me conter, chorava as escondidas, afinal eu era o esteio e não podia demonstrar fraqueza. Na semana do casamento, minha Nana não estava comendo, sua barriga cada vez, mas a minha guerreira, toda vez que eu ia vê-la ela me dizia:

— Nano se acalma não é desta vez que vou te deixar, quero ver minha filha se casar
E ainda brincava, dizia:

— Bobo, vou ganhar nenê!

Na segunda feira, nós carregamos o caminhão com a mudança da Natali, depois fomos visitar minha Nana, seu estado estava o mesmo, mas ela me disse:

— Nano pode ir, vai com calma, que Deus sabe o que faz, vou estar aqui te esperando, na madrugada de terça feira, eu, a Claudineia e a Natali partimos para Campinas, chegamos lá a mudança já tinha chegado, descarregamos o caminhão, arrumamos tudo no apartamento e voltamos à noite, ainda pra agravar mais a situação, a Claudineia levou um corte na mão e eu um corte no pé que precisou dar ponto, mesmo assim voltamos. No caminho, eu e a Claudineia dividimos o volante, eu dirigi um trecho da estrada e ela acabou de chegar, chegamos por volta da 1h, nossa vontade era ir para o hospital. Manoela, que havia ficado em casa, tinha ido visitar a tia (Nana) ela nos tranquilizou dizendo:

— A Vanessa está com ela, está tudo bem.

De manhã, a primeira coisa que fizemos foi ir para o hospital, fui o primeiro a entrar, levei um susto, Nana estava com uma sonda e dormia... que susto! Ao ver ela de sonda e com os olhos fechados pensei no pior, foi aí que minha sobrinha me tranquilizou:

— Tio, não se assuste. A tia está descansando. A sonda está tirando o líquido que ela tem na barriga.

Aí que eu percebi que a barriga de minha Nana havia diminuído. Ao ouvir a minha voz Nana despertou e eu perguntei como ela estava, ela me disse que estava bem, dei-lhe um beijo na testa, contei a ela sobre a nossa viagem e em seguida desci para que as meninas pudessem subir para vê-la.

Depois da visita voltamos pra casa mais esperançosos, minha Nana estava melhor. No mesmo dia, no período da tarde, voltamos a visitá-la, já estava sem a sonda e estava comendo alguma coisa, Nana já estava mais animada, não só ela, mas os médicos também, até chegaram a afirmar para minha filha que ela iria ao casamento. Naquela noite ela passou muito bem, logo pela manhã recebi a boa notícia, minha Nana estava de alta, era pra mim ir buscá-la.

Agradei a Deus, chorei de alegria e fui buscá-la no hospital, mas antes de sair, recebi um telefonema que me deixou ainda mais feliz, meu cunhado José estava chegando de Guarulhos, vinha para o casamento e ficar uns dias com a gente. José, para Benedita, era além de irmão, foi seu segundo pai, ele quem acabou de criá-la, cuidou dela e de sua mãe até eu me casar com ela, por isso esse meu cunhado passou a ser o mais importante para nós. Fui para o hospital, encontrei minha Nana andando, a barriga já quase normal, ela estava radiante, me abraçou e me disse:

— Deus ainda me concedeu mais esta graça, vou ver minha filha casar e ficar mais um pouco com você.

Eu olhava o rosto de minha Nana, ainda cheio de marcas, mas para mim ela estava linda como sempre foi, o importante é que eu estava levando ela pra casa novamente, quando falei pra

ela sobre a chegada de José, ela ficou mais feliz. Chegando em casa todos já estavam esperando por ela, as meninas, o Claudinei e mulher, o André. A deixei em casa e fui até a rodoviária buscar o meu cunhado, quando voltei, mal deu tempo de chegar, saí para fazer umas horas de propaganda e ao mesmo tempo acertar com o serve festa as bebidas para o casamento.

Eu estava feliz, a minha Nana já estava em casa, o casamento seria no sábado. Apesar da correria eu notava no rosto da Natali, além do cansaço, alegria, tudo estava dando certo, a mãe em casa, os convidados chegando, Deus mais uma vez tinha nos mostrado sua imensa força.

No outro dia, já véspera do casamento, Nana já estava mais animada, fraca, mas animada, José ali a seu lado lhe dando forças, de repente o telefone toca, era a Zilda que estava na rodoviária, fui buscá-la, ela não estava muito boa também, mas ao chegar em casa melhorou e tudo ficou bem, no período da tarde, fomos todos experimentar e buscar as roupas do casamento. Ri muito, porque Nana apesar de doente, não deixava de fazer suas piadinhas, comigo e com todos os outros. A sexta foi àquela correria, mas todos alegres, afinal Deus tinha nos dado o presente, que era o de Nana estar presente.

Chegou o grande dia, o sábado amanheceu lindo e mais lindo ainda porque Nana amanheceu ainda melhor, animada, sorridente, eu toda hora perguntava a ela se estava bem, ela me sorria e dizia brincando.

— Nano, estou bem e soltando bomba...

Bomba. É isto mesmo que ela dizia, devido aos remédios que ela havia tomado, estava soltando muitas gases, por esta razão ela dizia que estava soltando bomba. Natali logo pela manhã foi para a Silvana Noivas para se cuidar, eu e o André fomos correr para acabar de organizar o que faltava.

O casamento estava marcado pras 19h na Igreja do Evangelho Quadrangular do Jaguaré em São José do Rio Preto. O dia passou muito rápido, às 18h eu já estava me arrumando para buscar a noiva, Nana estava radiante, afinal sua Aninha ia se casar e do jeito que ela se casou e do jeito que ela sonhou que todas as suas filhas se casassem... Aninha era o jeito carinhoso que Nana chamava Natali quando pequena, era um chamego danado as duas, todos em casa tinha um apelido, Claudinei (Te), Claudinéia (Neia). Natali (Nati, Aninha, Tali,) por ser a caçula tinha vários codinomes.

Bem, vamos ao casamento, as 18h30 fui buscar a noiva, fui eu e meu vizinho Valdir, esse além de vizinho bom, um grande amigo, quando chegamos na Silvana Noivas tive que me conter para não chorar, a Nati estava tão linda, mais do que ela já era, fiquei muito emocionado, eu ia entrar na igreja com minha menina... que coisa maravilhosa Deus tinha me concedido.

Ela entrou no carro e fomos pra igreja, deixei ela no carro com Valdir e fui para entrar na igreja, primeiro com minha Nana e depois voltaria para buscar a noiva, fiquei mais emocionado ainda quando cheguei na porta da igreja que vi minha Nana ali maquiada, de vestido longo, me esperando, eu não queria acreditar que depois de tudo que ela tinha passado naquela semana, ela estava ali, radiante, feliz para entrar na igreja comigo. Chegou o grande momento, primeiro entrou os militares para fazer a cerimônia das espadas e depois os padrinhos, em seguida entrou eu a minha Nana, depois entrou Maria levando seu filho André ao altar...

Maria também mostrava estar muito feliz, afinal ela criou o seu filho sendo pai e mãe pra ele já que também tinha ficado viúva quando ele e as irmãs eram muito pequenas... São coisas das mulheres guerreiras. Deixei Nana no altar e fui ao encontro da noiva, Natali entrou na igreja cantando uma linda melodia, estava nervosa, mas deu tudo certo, o Claudinei estava no altar pra cantar pra ela e deu a ela a devida cobertura, minha Nana estava muito fraquinha, por esta razão entreguei a noiva para o noivo e corri pra junto dela, mas Deus deu tanta força a ela que nem quis se sentar na cadeira que estava preparada pra ela.

A cerimônia foi muito linda, houve muito choro, de alegria, é claro. Manoela estava tão alegre que fizesse gosto de ver a sua alegria chorosa, ela chorava e sorria ao mesmo tempo, a minha Nana sorria e a todo instante me dizia:

— Nano como nossa filha está linda e feliz.

Sáimos da igreja e fomos para festa, a festa foi em um salão que a Natali e o André haviam alugado, um salão muito bonito. A festa transcorria as mil maravilhas... Quando apareceu ela... A Claudete, toda maquiada, saia curta, com uma blusa bem decotada, pegou o microfone e disse aos presentes que era amante do noivo, foi àquela farra.

Claudete, na verdade uma personagem que um grande amigo nosso Edílson sempre representa quando canta, amigos eu estou narrando um pouco da festa só para mostrar a vocês o clima alegre que estivesse. Minha Nana sorria o tempo inteiro e é lógico eu sorria também, e como não sorrir, de vez em quando ela me dizia:

— Nano, vamos dar uma volta, preciso soltar bomba.

E lá vai bomba, apesar de saber da gravidade do estado em que ela havia passado, eu sentia que ela estava bem e por esta razão todos estavam bem, a festa foi linda, teve muita bebida, comida a vontade. Terminou a festa os noivos foram para um hotel e nós voltamos pra casa, no outro dia houve soca na casa do André, fomos todos pra lá foi um dia maravilhoso.

Já narrei a festa de casamento, foi tudo muito bom, mas a minha preocupação com o estado de saúde de minha Nana ainda era muito grande, eu não sabia o que aconteceria, depois daqueles dia de emoção, como ela iria reagir quando Natali fosse para sua casa em Campinas, afinal ela agora passaria a viver longe da sua Aninha, mas graças a Deus a Natali foi pra sua casa e Nana foi se recuperando e aos poucos retornamos ao nosso dia a dia.

Durante dois meses Nana não tomou quimioterapia, mas em julho, voltamos ao médico e ele prescreveu novamente os medicamentos, Nana ainda estava um pouco fraca, por isso foi receitado doses menores. Minha Nana não queria fazer, mas os médicos a convenceram e ela concordou, a reação foi muito ruim, por varias vezes eu pensei que ela não iria suportar, e nessas horas é que eu sofria, sempre que ela ficava ruim, me abraçava ou pegava minha mão e dizia:

— Nano, eu estou indo...

Eu procurava lhe acalmar, mas as vezes a força me faltava, então eu chamava a Claudineia, outras vezes a Manu e saia de perto dela para ela não me ver chorando. Natali ligava todos os dias, tinha vez que duas vezes ao dia, o Claudinei de vez em quando passava em casa pra ver a mãe, quase sempre ela estava deitada, quando passava a reação dos medicamentos, Nana

voltava a ficar bem melhor. Nesses curtos períodos a gente saía, ia à casa dos parentes, pescava, eu sempre cuidando para que nada de mal lhe acontecesse. Eu cuidava dela e ela cuidava de mim, mas realmente minha Nana estava de partida... o seu sofrimento a cada dia aumentava.

O desejo de minha Nana era estudar um pouco mais e queria que eu também voltasse a estudar, um dia tomamos a decisão, fomos ao Sesi e nos matriculamos, o primeiro dia de aula foi um dia muito importante para mim e creio que para ela também, nós dois de mãos dadas, como se fossemos dois adolescentes chegamos à escola, os professores nos receberam, como se nós fôssemos as pessoas mais importantes do mundo, eu teria que terminar a oitava série e ir para colegial, minha Nana, apesar de ler muito bem, queria terminar o primeiro grau, e assim ingressamos na escola novamente, eu peguei firme nos estudos, todos os dias ao chegar do trabalho, junto com minha Nana ia pra escola, lá a gente jantava, quando era nove horas voltávamos pra casa.

Nana continuou seus tratamentos, nos dias em que ela tomava os medicamentos não ia à escola, tinha vez que eu também não ia e ficava com ela. No mês de outubro fiz as primeiras provas. De cinco provas eliminei quatro, Nana não fez prova, mas ficou muito feliz quando eu disse a ela que tinha ido bem, ela me incentivava, me elogiava, bem, Nana realmente me amava, apesar do seu sofrimento, ela queria me ver bem...

Sim sempre bem, cuidava de tudo que era meu, até mesmo da minha saúde, sempre me aconselhava, pra que eu não bebesse, não exagerasse nas comidas gordurosas, ela dizia que queria me ver envelhecer saudável. Nana não estava bem, eu notava que cada dia ela estava mais frágil, já não tinha mais tanta disposição para caminhar, sentia dores e as vezes me falava coisas que me faziam sofrer, porque eu não queria que o que ela falava acontecesse, mas por dentro eu sabia que o que ela dizia poderia acontecer. Por isso, quando eu estava longe dela eu chorava.

No Natal de 2006 fomos passar na casa da Natali em Campinas, mas antes da nossa viagem, Nana foi até o Carrefour, pediu para que eu comprasse presentes para os netos, Gabrieli, Vitor e Érique, ela dizia que não sabia se no próximo ano poderia estar aqui para dar o presente a eles e que já que neste ano ela podia ela ia aproveitar para fazê-los felizes mais uma vez e assim foi feito segundo a sua vontade. Passamos o Natal com a Natali, eu e minha Nana, Claudineia e o Sergio, Manoela foi para casa dos seus pais. A passagem de Ano Novo passamos em casa, saímos um pouco a noite, depois voltamos

Começa o novo ano 2007. Minha Nana sofria, notava em seus olhos muita tristeza, angustia, mas quando alguém perguntava a ela como estava ela dizia:

— Estou bem.

Mas eu sabia que não, quando a gente ia pra escola ela mal conseguia chegar lá, eu às vezes queria ir com o carro, mas ela não queria, dizia que queria caminhar. Nana sempre que estava deitada durante o dia olhava para uma mangueira e um pé de ipê que plantamos no quintal de minha filha e dizia:

— Nano, será que este ano vou ver as flores do ipê? Será que vou chupar manga?

— Nana, deixa disso! É lógico que você vai ver as flores e vai comer manga.

Mas na verdade ela começou a viver já pensando no pior. No mês de abril, dia 22 e 27 prestei as provas do segundo grau, fui bem, passei em todas, Nana ficou muito feliz, o que ela queria aconteceu, eu terminei o segundo grau, a festa de confraternização da escola foi marcada para dia 6 de julho, meu filho ia cantar, íamos fazer um churrasco, planejamos aquela festa.

No mês de maio aproveitamos o dia do trabalho e fomos à casa da Zilda em Santa Clara, a 230 km de São José do Rio Preto, fui eu, minha nana, e Manoela, passamos dois dias lá, minha Nana estava até bem, pescou, nadou, brincou muito com a Manuela, comigo, mas quando estávamos no rio ela me disse:

— Nano, me deixa ver bem esta paisagem, me banhar bastante, nadar.

Porque minha nana nadava como um peixe, eu disse a ela:

— Aproveita, Nana, mas deixa de bobagem, logo vamos estar aqui de novo.

A Zilda toda vez que nós íamos tinha que fazer queijo, requeijão e arrumar bastante leite para trazermos e desta vez não foi diferente, o carro veio cheio. Durante a volta, Nana me falou:

— A próxima viagem vai ser para São Paulo, eu quero ver os meus irmãos.

Ficamos combinados, iríamos a São Paulo. Manoela estava de férias, ficou em casa cuidando da tia, eu e o Sergio estávamos reformando um torno no barracão, o barracão ficava a 100 m de casa, varias vezes Manoela ia correndo me chamar, Nana não estava bem, todas as vezes que isto acontecia me dizia:

— Nano, estou indo, fica mais comigo.

Eu... eu bem que queria ficar, mas tinha que trabalhar, minha cabeça estava a mil, já não sabia o que fazer, eu estava vendo o sofrimento de minha Nana, quantas vezes eu vi ela chorando de dor e eu não podia fazer nada. Às vezes, no descanso do almoço, eu me deitava ao lado dela e ela me dizia:

— Fica aqui, Nano, perto de mim, deixa eu sentir bastante teu cheiro.

E aí me acariciava e me aconselhava, dizia:

— Te cuida, Nano, cuida dos nossos filhos, cuida da minha neta, Gabrieli, ela já está mocinha, precisa de orientação!

Quando ela começava a falar assim eu não me continha, me trancava no banheiro e chorava, várias vezes nestes momentos ela olhava pela janela do nosso quarto e vendo o pé de ipê caindo as folhas e a mangueira começando a florir ela dizia:

— Estou com saudade da chuva. Nano, será que vou ver o ipê florido e a mangueira carregada... será, Nano?

As palavras de minha Nana eram como um chicote que açoitava meu coração. No fim do mês de maio, meu cunhado José ligou em casa, então combinamos que ele viria a minha casa e na volta eu e minha Nana iríamos com ele. José não demorou, no dia 20 de maio chegou a minha casa, veio ele, Expedito, sua mulher, minha cunhada Dulce, e minha sobrinha Ivete. Nana não estava boa, tinha feito quimioterapia, tinha dado trombose no braço, estava muito inchado e ela reclamava de dor, eu pra ajudar estava com meu acido úrico atacado, meu pé

estava inchado e doía muito, mas com a chegada de meus cunhados, minha Nana se alegrou e até melhorou. Natali também veio de Campinas, chegou antes dos meus cunhados, chegou no sábado pela manhã, no sábado à noite fomos todos para casa da mãe do André, lá eles fizeram um churrasquinho, Claudinei compareceu com toda família, ele levou o teclado e tocou pra nós, cantamos dançamos...

Foi a ultima vez que dancei com minha Nana, brincamos muito, apesar de eu estar preocupado, por ela estar com seu braço muito inchado, meu filho nem imaginava que seria a última vez que iria tocar para sua mãe, aquela noite foi muito boa, muito alegre, Natali passou o fim de semana com a gente. Meu cunhado Expedito e a família foram embora na terça feira, José ficou pra ir com a gente no fim de semana, José sempre que vinha em nossa casa nós sempre íamos pescar com ele, desta vez estava meio difícil.

Nana não estava boa, eu com dor no pé, mas falou em pescar minha Nana se animou e disse:

— Nós vamos sim!

— Acho melhor não, ou então eu vou com José e você fica.

— Não, Nano. Eu vou sim, eu não sei se é a ultima vez que vou pescar...

Estas palavras me desconcertaram, então disse:

— Se é assim, vamos.

Arrumei todas as traíás de pesca e fomos pra Cardoso, fui eu, minha Nana, José, Orineo, e em Votuporanga pegamos meu sobrinho Silço, passamos a noite no rio e no outro dia voltamos pra casa. Peixe... pegamos muito pouco, mas pesca é assim, um dia do peixe e outro do pescador.

Nana estava feliz, pescou e agora nós estávamos prestes de ir a Guarulhos como ela queria. No dia 24 de maio às quatro horas da manhã, saímos em nossa viagem, fomos em cinco pessoas, eu, minha Nana, Manoela, José, e minha cunhada Nair, passamos em Limeira, Santa Bárbara, Campinas, em Santa Bárbara visitamos minha cunhada Maria, irmã de minha esposa, visitei meu irmão, minha sobrinha, em Campinas passamos na casa da Natali, posamos lá e no dia seguinte seguimos viagem rumo a Guarulhos.

Manoela ficou em Campinas, na casa da Natali. Chegamos a Guarulhos por volta das 10h, Maria José, minha cunhada, já estava nos esperando. Nana chegou muito cansada e enquanto preparavam o almoço, foi se deitar, fazia muito frio. Maria José preparou o almoço, almoçamos aí chegou minha vez de descansar, me agasalhei e descansei por volta das 4h me levantei. Aí minha Nana, que já estava descansada, foi tomar banho, quando saiu do banho, me disse:

— Nano, acho que dei um mau jeito, está doendo minhas costas.

A dor era tão forte que ela mal podia caminhar, segurei em seu braço, levei ela para cama, na hora do jantar, Nana se levantou, comeu um pouco e logo em seguida foi para cama, me disse que o mau jeito doía muito. Fiquei um pouco conversando com José e logo a seguir fui me deitar também, eu tinha o costume de me virar de bruço e segurar a mão de minha Nana e assim fiz, conversamos um pouco, falamos sobre a viagem, planejamos o dia seguinte, eu disse a ela que logo pela manhã levaria ela pra tomar uma voltarem e em seguida iríamos à casa de minha

cunhada Quitéria e do meu cunhado Nezinho. No outro dia, logo que amanheceu, tomamos café, fomos a farmácia, ela tomou a voltarem e fomos para casa da Quitéria.

José foi com a gente, no caminho Nana me disse que a dor estava melhorando, então pensei deve ser um mau jeito mesmo, se ela tomar outra voltarem amanhã ficará boa. Chegamos a casa de minha cunhada, encontramos todos bem, almoçamos com eles e voltamos para casa de José. Minha Nana ao chegar estava melhor, pediu sabão para Maria José e descemos eu e ela para a lavanderia, ela lavou algumas peças de roupa e eu estendi para ela, voltamos pra dentro, mas ela me disse que queria se deitar, perguntei sobre a dor, ela me disse que estava bem fraquinha. José, a Fernandinha e sua mãe foram para o salão do reino, como estava muito frio me deitei junto com minha Nana. Maria José preparou o jantar, logo José e as meninas chegaram, jantamos e durante o jantar combinamos o passeio do outro dia, iríamos no sítio do meu compadre Expedito. O sítio fica em Tapera Grande, um lugar montanhoso, mas muito gostoso, cheio de pinheiros, eucalipitos, bananais e muito verde.

No outro dia logo que amanheceu minha sobrinha Ivete com seu esposo passaram na casa de José para que fossemos juntos, minha Nana acordou se queixando da dor, sugeri para não irmos, mas ela insistiu que iria e se ela queria, eu também queria. Passei na farmácia, ela tomou outra voltarem e seguimos para o sítio, e sobe morro, desce morro, até que enfim chegamos. Minha Nana chegou bem, a dor havia melhorado, mas ela preferiu se deitar enquanto minha comadre Dulce e as outras mulheres preparavam o almoço. Meu compadre Expedito foi para a churrasqueira, enquanto eu e o Ivo fomos plantar uma muda de manga que eu havia levado para plantar lá. Nana, mesmo deitada, cuidava de mim, de vez em quando perguntava para as outras mulheres:

— E o Nano, onde está?

Ao saber de sua preocupação, eu sempre ia onde ela estava, perguntava se estava bem se queria alguma coisa e ela sempre me dizia:

— Estou bem, eu quero que você se cuide.

Nana na hora do almoço se levantou, comeu um pouco, depois fomos para o quintal, onde tinha um lindo pé de primavera. Nana e eu sempre fomos amante das flores, logo ela quis que eu tirasse uma muda pra levar pra casa. Minha sobrinha Ivete teve a brilhante ideia de tirar umas fotos, eu e a Nana, Nana e os irmãos, depois todos juntos. Apesar de preocupados com o estado de Nana, passamos um dia muito alegre, por volta das três horas da tarde, nos despedimos e voltamos para casa de José.

Nana já tinha visto três dos seus irmãos que viviam em Guarulhos, faltava ir ver Josefa, então combinamos ir no outro dia. O frio não dava trégua, Nana e eu fomos logo pra cama e ao deitar Nana me disse:

— Nano, não se assuste nem se apavore, mas a dor não quer passar, ela melhora, mas passar não passa...

— Então amanhã, logo após de ir na casa de sua irmã, vamos embora.

— É, Nano... acho melhor.

Nana logo adormeceu, eu fiquei um pouco acordado traçando na mente o itinerário da volta, mas logo adormeci também. No outro dia bem cedo liguei para minha cunhada Nair avisando que iríamos voltar, mas que antes iríamos na casa de Josefa, ela pediu para eu passar na casa de sua mãe que ela também iria com a gente, tomamos café e fomos, a visita foi rápida, apesar das broncas de minha cunhada, que queria que ficássemos para o almoço, não ficamos.

Voltei para casa de José, almoçamos e logo em seguida nos despedimos e partimos de volta pra casa. Por volta das 4h da tarde chegamos a Campinas na casa de minha filha Natali, minha Nana já não estava muito bem, sentia muita dor, só que ela não reclamava pra ninguém ela falava para mim apenas, por esta razão resolvi a deixar descansar mais aquela noite na casa da filha e no dia seguinte saímos bem cedo.

Durante a viagem, Nana cantou, sorriu, disse que estava satisfeita, tinha feito o que ela havia planejado. De vez em quando olhava pra mim e dizia:

— Obrigada chuchu mai love, por ter me levado!

E cada vez que ela dizia isto, passava a mão em minha cabeça me fazendo carinho, a Manoela e a Nair no banco traseiro mal percebiam o nosso chamego, para não sacrificar muito minha Nana, andei o mais rápido que pude, dentro do permitido por lei, e lógico uma velocidade de segurança. Afinal, o meu maior tesouro estava ali, que eram as nossas vidas.

Fizemos somente uma parada, por volta das 12h chegamos a Rio Preto. Esse dia foi e será inesquecível pra mim, ao chegar em casa Nana me abraçou e disse:

— Nano, você é meu herói!

Logo em seguida me beijou e disse:

— Deus Jeová a de te abençoar sempre.

Foi aí que percebi em seus olhos que algo errado estava acontecendo, realmente Nana estava com muita dor, ela me disse:

— Nano, aconteça o que acontecer comigo, promete que ficará bem, eu te amo demais e não quero ver você sofrer.

— Não vai te acontecer nada, você vai sarar e nós vamos passear muito ainda.

Nana se separou de mim e foi se deitar, eu e a Manuela fomos cuidar da casa, dos bichos e depois descansamos o resto da tarde. As férias da Manoela haviam terminado e no outro dia ela saiu logo cedo para o retorno ao trabalho e eu fiquei em casa com a minha Nana. Este dia foi dia 4 de junho de 2007, dia do aniversário da Natali.

Manoela infelizmente ao terminar o dia de trabalho foi despedida, chegou em casa triste, mas procurou se conter pra não magoar a sua tia, a partir deste dia Manoela ficou em casa para cuidar de Nana e ajudar a Claudinéia a cuidar da casa, eu voltei a trabalhar com o Sergio no barracão.

A partir daquele dia eu disse ao Sergio que não iria mais viajar, porque estava preocupado com o estado de saúde de Nana, fiquei trabalhando só no barracão. Minha cabeça estava a mil, Nana cada dia piorava, a dor não passava, eu e Manuela todas as noites a pedido dela fazíamos compressa em cima do local onde doía mais, passávamos remédio, fazíamos massagem, mas

a dor não passava. Cada dia aumentava mais. Um dia eu estava no barracão e a Manu foi me chamar mais uma vez, disse-me:

— Corre... corre tio! A tia está morrendo!

Saí correndo e quando cheguei em casa Nana estava com as mãos frias, suava muito, comecei a fazer massagem em seus braços e logo ela voltou e aí me disse:

— Nano! Meu Nano, eu estou indo, Nano...

Mais uma vez procurei animá-la, mas não consegui, saí e fui chorar lá no quintal, logo ela me chamou e disse:

— Nano, eu já estou melhor.

Dei um beijo nela e fui fechar o barracão que eu havia deixado aberto. No dia sete de junho a minha cunhada Quitéria ligou e disse que viria no próximo domingo para ficar um pouco com a minha Nana.

Nana disse a ela que estava bem, mas na realidade não estava, só eu e ela sabíamos a gravidade do seu estado de saúde, dia sete foi na quinta feira, na sexta feira, como a dor não passava, julgando ser um mau jeito, resolvi levar minha Nana a um massagista, ela concordou...

Que tristeza, Nana ficou muito envergonhada e ao mesmo tempo preocupada porque teria que tirar quase toda a roupa, ela me olhou com os olhos tristes, como quem me pedia licença, eu compreendi a sua preocupação de esposa e de mulher, então eu disse a ela:

— Nana, se for para aliviar a sua dor, tire até toda roupa. Nana, eu não quero ver você sofrendo.

E assim foi feito, mas a massagem de nada adiantou, a dor continuou, na verdade a massagem só serviu para aumentar o sofrimento de minha Nana. Como a dor não passava, fomos ao medico e ele receitou um remédio para dor, as primeiras doses até que deu uma aliviada na dor, mas depois voltou a doer e ainda mais forte. Um dia Nana me chamou no quarto e olhando pela janela me disse:

— É, meu Nano. Eu acho que não vou mesmo ver as minhas flores florirem nem as minhas mangueiras com frutas.

Comecei a chorar, eu apertei sua mão, beijei a sua testa e falei:

— Não pense assim, Nana. Você vai ficar boa.

Eu procurava acalmá-la, mas por dentro eu estava desesperado. No domingo minha cunhada ligou dizendo que não viria mais, Nana falou com ela e como sempre disse que estava melhor, a tarde deste domingo foi uma tarde triste, Nana no sofá, gemendo de dor, seu rosto de tanto sofrimento estava muito abatido. Comer, ela não comia muito, eu costumava fazer pra ela uma vitamina com vários tipos de frutas. Nana logo depois de tomar aquela vitamina me pedia pra ajudar ela a ir pra cama e não foi diferente, neste domingo ela tomou a vitamina, coloquei ela na cama e voltei pra sala, mas logo depois fui dormir. Para não machucá-la ou mesmo para não acordá-la, há muito tempo eu já vinha dormindo em um colchão no chão, Nana e Manuela diziam que o meu colchão era uma folhinha e eu era a formiguinha, que carregava pra lá e pra cá. Na segunda feira, dia 11 de junho, saí bem cedo para o trabalho, na hora do almoço tive a

triste noticia, o meu cunhado José tinha ligado e avisado a minha Nana, que nosso cunhado Nezinho havia falecido.

Minha Nana, que já não estava boa, chorou muito, eu também quando recebi a noticia, não quis acreditar,... mas infelizmente era verdade, meu cunhado, que eu tanto estimava, havia partido. Que tristeza! Procurei consolar minha Nana, mas por fim foi ela que me consolou, como sempre fazia, me acariciou e disse-me:

— Nano a vida é mesmo assim. Um dia ou outro a gente vira saudades, um dia eu vou, você vai, ninguém fica nesta terra pra sempre...viremos lembranças e saudades.

Aquela semana pra nós foi muito triste, aliás, mais triste ainda, porque Nana no estado em que estava, ninguém tinha alegria. Assim que minha cunhada Quitéria pôde, ela ligou pra minha casa e disse que viria para passar uns dias com minha Nana.

Nana ficou feliz, mas disse a ela que resolvesse as coisas dela primeiro e depois viesse. No domingo a seguir, dia 17 de junho, minha Nana amanheceu com muita dor, ela dizia que era insuportável, eu logo que amanheceu queria levar ela no hospital, mas ela disse que não queria porque era domingo e se ela fosse ficaria internada e isso ela não queria... mas a dor foi aumentando tanto que por volta das 11h, Manu ligou no hospital, falou com a médica e nós a levamos ao hospital de base, ficamos com ela a tarde inteira no hospital, por volta das 19h a médica nos disse que ela tinha que ficar para fazer uns exames e pesquisar um remédio que realmente pudesse tirar sua dor.

Minha Nana não queria ficar, mas por fim ficou. No outro dia bem cedo ela me ligou pra ir buscá-la, me disse que estava bem melhor, a dor estava bem fraquinha. A minha filha Neia foi buscar ela, mas as noticias não eram boas. Minha Nana teria que tomar morfina para cortar a dor, isso me deixou mais desesperado, porque ela sabia e eu também sabia que morfina quem toma são pessoas que estão na fase terminal, com isso minha Nana ficou ainda mais triste. Os dias foram se passando e o estado de saúde de minha Nana cada vez mais se agravava, mas ela sempre dizia a todos que estava bem, apesar de sofrer.

Devido ao estado de minha Nana, deixei de sair de casa, não fui mais para o trabalho, fiquei em casa junto com a Claudineia cuidando de Nana, já que a Manoela, depois de fazer o acerto na firma em que trabalhava, foi embora para sua casa em Votuporanga. Esses últimos dias que vou narrar foram os dias mais tristes da minha vida.

Minha cunhada Quitéria telefonou no domingo que viria na quarta feira dia 11 de julho para ficar uns dias com a Nana e a minha filha Natali também viria, na quinta feira, Nana ao ficar que elas viriam ficou até contente apesar de preocupada com a limpeza da casa, com seu estado, mas eu disse a ela que não se preocupasse que eu e a Neia cuidaríamos de tudo, mas minha Nana era assim mesmo. Ela não gostava que ninguém viesse nós visitar e encontrasse a casa desarrumada. Dia 10 de julho, levantei bem cedo, fiz o café e depois disse pra minha Nana:

— Eu vou levar a carreta do barco na vistoria, logo estou de volta.

Perguntei se ela queria o café na cama, ela me disse que não, disse que ia levantar para tomar café e ver as suas plantas, eu disse a ela que não fizesse esforço e tomasse cuidado para

não cair. Fui, fiz a vistoria da carreta e voltei o mais rápido que pude, ao chegar em casa minha Nana estava no vidro da sala olhando as sua plantas e a mangueira que estava carregada de flor. Ao me ver chegar ela comentou:

— Deu tudo certo nano?

Eu disse que sim. então ela disse:

— É bom mesmo, que assim que eu melhorar nós vamos pescar.

Entrei pra dentro, dei um beijo nela, tomei um café e sentamos um pouco na varanda pra conversar, como sempre fazíamos, mas Nana logo me disse:

— Vou deitar, não estou suportando a dor.

Ajudei ela chegar até o quarto e fui ajudar a Néia a limpar a casa, o quintal. Nana gemia de dor e nada se podia fazer, eu me sentia um impotente, queria fazer algo para pelo menos amenizar sua dor, fazia chá, passava doutorzinho, fazia massagem.

Ela dizia que aliviava, mas eu sei que ela falava assim só pra não me ver sofrer mais. No dia 11, logo pela manhã, fiz o café como de costume, Nana se levantou, tomou café comigo, conversamos um pouco, depois ela pediu que jogasse água em suas plantas e voltou para a cama, já que sentada ou de pé a dor ficava mais insuportável, de repente ela se levantou e disse que a dor havia passado e foi ajudar a Neia na arrumação.

A Neia ia tirando o pó e ela ia forrando as toalhinhos, pediu para que eu levantasse as coisas pesadas e ela forrava as toalhinhos, quem viu a minha Nana aquele dia jamais poderia imaginar que ela estava sofrendo tanto.

Meu filho e a sua mulher que estava grávida veio visitá-la e ficaram admirados por vê-la tão bem, aquele dia ela passou o dia sem dor, até comeu um pouco, mas a tardezinha ela se deitou e por varias vezes Nana me chamou e disse que seu coração estava fazendo um barulho muito esquisito, ela dizia que fazia como um esguicho, xua, xua.

Ela chegou a pedir para que eu gravasse o barulho, mas eu disse a ela, não dá pra ouvir é só você que ouve. Isso foi me deixando ainda mais preocupado. Naquela noite, foi a noite do jogo do Brasil pelas eliminatórias, Nana se deitou, Neia ficou na internet, logo após o jogo fui me deitar e dei a Nana os seus remédios.

Mas não consegui dormir, Nana estava muito ofegante, sua respiração parecia que estava fraca, passei quase toda a noite a observá-la. No dia doze, na quarta feira como sempre, fiz o café e perguntei a ela se queria que eu servisse a ela na cama, ela me disse:

— Não, Nano. Eu estou melhor. Vou me levantar.

Levantou, preparou seu leite com aveia como ela gosta, nisso o telefone tocou, ela atendeu, era a Manoela, então ela disse:

— Oi, filha, estou com saudades!

Manuela disse a ela que estava vindo a Rio Preto para vê-lá, ela ficou feliz, voltou a cozinha, comeu sua aveia com leite e voltou pra cama, de repente me chamou pra levá-la ao banheiro, estava com ânsia de vômito, corri mas não deu tempo, ela vomitou ali mesmo no tapete, ficou nervosa, mas eu disse a ela pra se acalmar, que eu limpava num instante, levei

ela ao banheiro, limpei o quarto e ela voltou a deitar-se, mas ânsia de vômito não parava e dor aumentava. Por volta das 13h a Manuela chegou, perguntou pela tia, eu disse a ela:

— Não está nada bem!

Manu correu para o quarto, abraçou sua tia e já foi preparar um remédio para cortar a ânsia de vomito. Enquanto Manu preparava o remédio, Nana me chamou e perguntou se a Natali já estava pra chegar, então eu disse a ela que sim, foi quando ela me disse:

— Nano, eu estou indo embora.

Em seguida acariciou o meu braço e me disse:

— Te cuida, cuida bem dos nossos filhos, dos nossos netos, não deixe os nossos bichos abandonados.

Nana pensava em tudo, eu procurei disfarçar minha dor, mas não teve jeito, saí depressa de perto dela e fui chorar no terreiro. Natali não demorou muito a chegar e quando chegou minha Nana disse a ela:

— Filha, você demorou.

Natali explicou que o André tinha trabalhado e por esta razão tinha demorado, eu disse a Natali que ela não estava comendo devido ao vômito, então fui até o mercado comprar umas frutas pra ela e ao voltar ela comeu uvas, conversou bastante com a Natali, mas infelizmente as frutas que ela comeu não pararam no estômago e com isso eu notava que minha Nana ia se enfraquecendo ainda mais, como ela mesmo o dizia, estava indo. Na noite do dia 12 ela passou muito mal, na manhã do dia treze levantei, passei a mão em seu rosto, dei-lhe um beijo e fui fazer o café, mas ela já não quis comer nada, continuava com o vômito, foi aonde eu disse a ela se ela queria que eu a levasse ao hospital, mas mais uma vez ela me disse:

— Nano, eu quero morrer em casa.

Aquelas palavras me machucavam por dentro, eu já não sabia mais o que falar nem o que fazer, só sabia chorar... Sim eu chorava as escondidas, eu não queria acreditar no que estava acontecendo e me perguntava: “como vou fazer sem minha Nana? É ela que cuida de mim. É ela que me orienta, é ela que me dá amor. Oh, meu Deus o que será de mim?”

Naquele dia, Nana tinha consulta marcada com seu psicólogo, a consulta era as 13 horas, por esta razão eu disse a ela:

— Nana, já que você não está boa, eu vou ao médico e pego os seus calmantes.

Ela só me disse:

— Vai, nano, mas não demora.

A Manoela foi comigo. Mas antes eu não tivesse ido, quando eu estava falando com o médico o celular da Manoela tocou, era a Natali avisando que minha Nana tinha dado nova crise, pediu para que eu esperasse no hospital que ela estava indo com ela pra lá, o que ela não sabia é que em seu caminho até o hospital encontraria mais um tropeço, um médico mal formado e mal informado impediu que ela chegasse rápido ao hospital, cada minuto que passava mais aumentava minha angustia. Manoela procurava me acalmar, mas eu notava que ela também estava angustiada. Depois de quase uma hora, chegou André e a Claudineia trazendo minha

Nana, oh meu Deus como está difícil narrar este fim! Me dê forças! Quando vi minha Nana já quase sem vida no banco do carro, me abracei a ela e com uma força sem igual a levantei coloquei –a sobre uma maca e junto com a Néia e a Manoela, saímos em disparada para o quarto andar do hospital de base. Minha Nana nada falava, mal respondia o que a gente perguntava. Minha Nana estava morrendo... A médica, ao fazer o atendimento, deixou transparecer que já não tinha mais nada a fazer, mas mesmo assim pediu-me pra fazer a sua internação e levou-a para o quarto, até então eu e minhas filhas, minha sobrinha e meu genro tínhamos um fio de esperança.

Nana variava, falava de seu pai, de sua mãe, de pessoas que já tinham falecido. Eu queria ficar ali a seu lado, mas infelizmente não pude porque não era permitido pelo hospital homem acompanhante naquela ala, fui para casa com a Natali, a Manoela e o André. Voltamos pra casa, esta noite foi uma das noites mais longa da minha vida, não consegui pegar no sono, só pensava no estado de minha Nana, imaginava o quanto ela estava sofrendo, eu orava e em minha oração, eu pedi a meu Deus que não deixasse ela sofrer.

Assim que amanheceu, fiz o café e quando estávamos nos preparando para a rotina do dia, o telefone tocou, era a Claudinéa pedindo que fossemos urgente para o hospital que a médica disse que minha Nana não voltava mais pra casa. Nesta hora eu vi que me faltou o chão debaixo dos meus pés, mas ao mesmo tempo pensei: “preciso me manter forte, meus filhos vão precisar de mim”. Pedi forças a Deus e fui para o hospital.

oh!...Que tristeza eu pensei que não iria suportar. Minha Nana, aquela guerreira, que muitas vezes me deu tanta força, ali estava sem forças, inerte sobre aquela cama, somente o seu coração ainda batia, segurei a sua mão e só soltei quando seu coração parou de bater, aquele coração que provou saber amar... sim amar intensamente, como ela me amou.

Ao constatar que ela realmente tinha partido, abracei as minhas filhas e a meu filho e chorei como estou chorando agora, narrando estes tristes momentos. Dali voltei pra minha casa e ao chegar quase enlouqueço de tanta dor, vendo nossa casa que nós construímos juntos, cada tijolo ali colocado, cada planta, que ela plantou com carinho, as nossas criações que ela tratava com muito carinho, cuidava com tanto zelo, o que seria de mim agora sem ela?

Pensei até que não valeu a pena tudo o que fizemos, mas ao mesmo tempo, pensei o quanto ela gostava de tudo aquilo, então decidi, encarar a realidade, avisei os meus conhecidos, parentes, me troquei, me cuidei para pela ultima vez ficar bonito pra ela, e fui para o velório, um dia eu havia prometido a ela e ela prometido a mim que quando um de nós partisse quem ficasse cantaria o hino 204 da harpa cristã (O PEREGRINO NA TERRA).

Apesar de estar com o coração sangrando por saber que ela tinha partido, cantei com toda a força do meu coração; Minha Nana, apesar de ter sofrido tanto nos últimos dias, estava com um semblante alegre e isso mais uma vez ela me deu forças para suportar a nossa separação, embora eu estivesse chorando por dentro, e controlei, dei forças aos meus filhos, às 17 horas do dia 14 de julho de 2007 foi o seu sepultamento, enquanto eu caminhava pela última vez ao seu lado, ou seja, ao lado do seu caixão fiz pra ela esses poemas:

Esquecer-te jamais

Eu sempre te amei
Mas jamais pensei
Que ao te perder
Fosse sofrer, tanto.
Desde que você partiu
Não consigo conter o meu pranto

As lembranças me fazem chorar
Recordar me faz padecer
Esquecer-te eu não quero jamais
Porque suas lembranças
Ajudam-me a viver
Porque será, que tem que ser assim.
Já não estas junto de mim
A minha dor
Tá difícil suportar
Sem você meu grande amor
Vou viver sempre a chorar

Caminhando ali ao seu lado em silencio, ninguém poderia imaginar o filme que passava em minha mente, nosso primeiro encontro, nascimento dos nossos filhos, nossas conquistas, nossos fracassos, nossos momentos felizes, nossos momentos eloqüentes de amor, nossas pescarias, pensei também em minha volta pra casa sem ela... ah o que seria de mim, envolto a esses pensamentos. Chegamos no lugar onde ela ficou, sua última morada. Enquanto ela era sepultada, pensei o que seria de mim e como poeta que sou mais uma vez veio em minha mente esta poesia que diz em poucas palavras o que eu sentia naquele momento e o que a minha Nana representava e ainda representa pra mim.

Quem viver a historia de amor que vivi
Vai sentir as mesmas emoções que senti
Vai ser feliz, vai sorrir vai cantar.
Mas também vai chorar
Se acaso perder, o seu grande amor.
Assim como perdi

Eu ela éramos um
Agora sou apenas a metade

E eu não sei o que fazer
Pra suportar a dor desta saudade

Ela era a metade, que alegrava meu viver.
Minha razão de ser, luz que iluminava meu caminho.
Sem ela eu não sei como viver, prefiro morrer.
Não sei como prosseguir sozinho

É grande, muito grande a dor.
Que o meu peito invade
Já fui um unido a ela
Agora sou apenas a metade

Depois de deixá-la no campo santo, voltei pra nossa casa, ao abrir a porta desabei em um incontrolável choro, meus filhos, os vizinhos tentaram me acalmar, me consolar, mas pra mim não tinha e não tem consolo, eu perdi a jóia mais preciosa que Deus me deu, minha Nana.

Que dia amargo foi pra mim aquele dia, que noite triste foi aquela primeira noite sem ela após 40 anos de felicidade, ainda pra aumentar minha dor, no dia seguinte ao abrir a porta o nosso jardim estava florido, as flores que plantamos juntos, o pé de ipê, todos floriram ao mesmo tempo. Eu acho que Deus permitiu que elas florissem para me dizer:

“Filho... veja as flores, elas são cheias de vida. Sua nana também, está bem, vive na eternidade”.

Pra encerrar este meu livro, quero que saibam, que tudo que escrevi é a mais pura verdade e espero que sirva de exemplo para outros casais.

Adeus, Minha Nana.

Esta é minha historia de amor.

15 de dezembro de 2007

REALIZAÇÃO:



ACESSE NOSSO CATÁLOGO!



WWW.SEVENPUBLI.COM

CONECTANDO O **PESQUISADOR** E A **CIÊNCIA** EM UM SÓ CLIQUE.